

# ALLA

## Academia Louveirense de Letras e Artes

# VII Coletânea

contos | crônicas | poesias | artes



PERFIL  
EDITORIAL



# ALLA

*Academia Louveirense  
de Letras e Artes*

Foi criada em 26 de abril de 2015 com o objetivo de promover a cultura e respeitando a diversidade dos seus acadêmicos: poetas; teatrólogos; artistas plásticos e artesões.

Vinda de várias associações de escritores e artistas da cidade, hoje se consolida como uma academia cada vez mais forte e atuante.

Nossa academia tornou-se realidade e nossos trabalhos estão sendo compartilhados, levando cultura para a nossa sociedade.

# VII Coletânea

Academia Louveirense  
de Letras e Artes  
**ALLA**

contos | crônicas  
poesias | artes



Copyright© 2021 Academia Louveirense de Letras e Artes

Revisão:

*Miriam Franco Novaes*

Capa:

*Perfil Editorial*

Imagen:

Capa: *Árvore Louveira* – Foto: *Larissa Scomparim*

Miolo: *Árvore Louveira* – Foto: *João Batista*

Projeto gráfico e editoração:

*Perfil Editorial*

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

---

S148      VII Coletânea : ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes:  
1. ed.      contos, crônicas, poesias, artes/  
[Coord.] Carlos Tiokal. João Batista. Larissa Scomparim  
1. ed. – São Paulo: Perfil Editorial, 2021.

Vários autores

ISBN: 978-65-5601-017-5

1. Antologia - Coletâneas - Literatura brasileira.  
I. Tiokal, Carlos. II. Batista, João. III. Scomparim, Larissa. IV. Título.

10-2021/11

CDD-B869.8

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

2021

Academia Louveirense de Letras e Artes

Facebook: escritoresdelouveira/

Perfil Editorial Ltda.

[www.perfileditorial.com.br](http://www.perfileditorial.com.br)

@perfil\_editorial

# A árvore Louveira

Uma maneira de preservar a história é resgatar o que faz parte da história, e, a árvore que representa Louveira, é justamente uma espécie que ainda corre risco de extinção, a nossa árvore Louveira (*Cyclobium vecchi*), e aprofundando mais a pesquisa, segundo algumas publicações especializadas, atualmente é uma espécie praticamente extinta. Pelo bem do planeta, se tenta reverter essa situação.

Identificada por Otávio Vecchi em Conchal/SP, às margens do rio Mogi Guaçu, acredita-se que o Município de Louveira deva seu nome a essa árvore, e em alguns pontos da cidade há algumas dessas espécies, bem como há também um esforço para que se produza mais mudas e que essas mudas sejam plantadas para que a espécie se perpetue ou que pelo menos, tenha uma vida longa. Um livro carrega em si a função de expandir as formas culturais pelas quais o seu povo se expressa, se faz presente.

Esta VII Coletânea da ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes – tem o firme propósito de reunir os autores – acadêmicos – de Louveira, e fazer com que também as produções culturais e artísticas tenham uma vida longa.

Nesse sentido os caminhos da árvore e as produções artísticas e culturais, encontram no livro um meio seguro para que juntas ganhem o mundo e se mantenham vivas através dos registros, escritos ou retratados, que um livro proporciona.

ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes



# Prefácio

*"A glória não fica, não eleva, nem consola".*

Machado de Assis

Eles vieram me informar dos últimos detalhes da VII Coletânea da ALLA (Academia Louveirense de Letras e Artes), da qual somos membros acadêmicos – “eles” sendo João Batista, que ocupa o cargo de primeiro secretário, Carlos Tiokal, conselheiro consultivo e a Larissa Scomparim, diretora cultural. Como presidente da Academia, fiquei feliz em recebê-los em minha casa, mas meu contentamento advinha realmente do fato de sermos todos muito amigos. Tomamos uma grande quantidade de café e, entre pães e quitutes, discorremos sobre os assuntos pertinentes ao lançamento desta coletânea.

Então perguntei quem escreveria o prefácio, se já haviam pensado em alguns nomes para escolhermos. A resposta foi rápida e unânime: você! Espantada com a surpresa, senti uma alegria interior. Agradeci e contelei-os com um largo sorriso e mais uma rodada de *petit four*.

Sempre fui uma sonhadora, mas sempre tive consciência de que sozinhos não concretizamos os sonhos; portanto, esta não é uma obra individual (ou com anseios individualistas), mas um trabalho coletivo. Falo de pessoas que, como eu, sonham com o belo e o colocam acima de tudo, regando sua alma perfumada em cada trabalho realizado. Confesso que os versos dos poemas (como também cada frase de um conto, de uma crônica, cada cor pincelada em uma tela, cada detalhe criado pelas mãos graciosas das artesãs) enchem meu coração de júbilo, pois dão vida ao esforço carinhoso de cada um em suas infinidades de dons. Felizes somos quando nos deixamos guiar pelas mãos de Deus que permite que, enquanto estamos neste mundo, utilizemos esses dons para incentivar e levar brilho a você, que considero nosso grande prêmio, pois como disse Menotti Del Picchia<sup>1</sup>, “só um leitor basta para enaltecer a criação de uma obra”.

Vale à pena ler essa coletânea que foi preparada com esmero em uma época difícil para todos nós. As reuniões *online*, conversas por redes sociais, telefonemas, fizeram com que pequenos detalhes, que eram moinhos de vento, parecessem-nos grandes dragões – bem no estilo quixotiano, com a licença de Cervantes<sup>2</sup> pela comparação.

---

<sup>1</sup> Menotti Del Picchia (1892-1988) foi um poeta, jornalista e advogado brasileiro.

<sup>2</sup> Miguel de Cervantes (1547-1616), escritor espanhol, autor do clássico “Dom Quixote”.

Apresentam seus trabalhos escritores e artistas plásticos que possuem bagagens invejáveis de poesia e senso artístico, para elevar você, leitor, na deleitosa criatividade de cada artista que, com sua alma gentil, afaga carinhosamente o coração de todos que se abrem à sua arte.

Com todo afeto,

Diacuí Pagotti

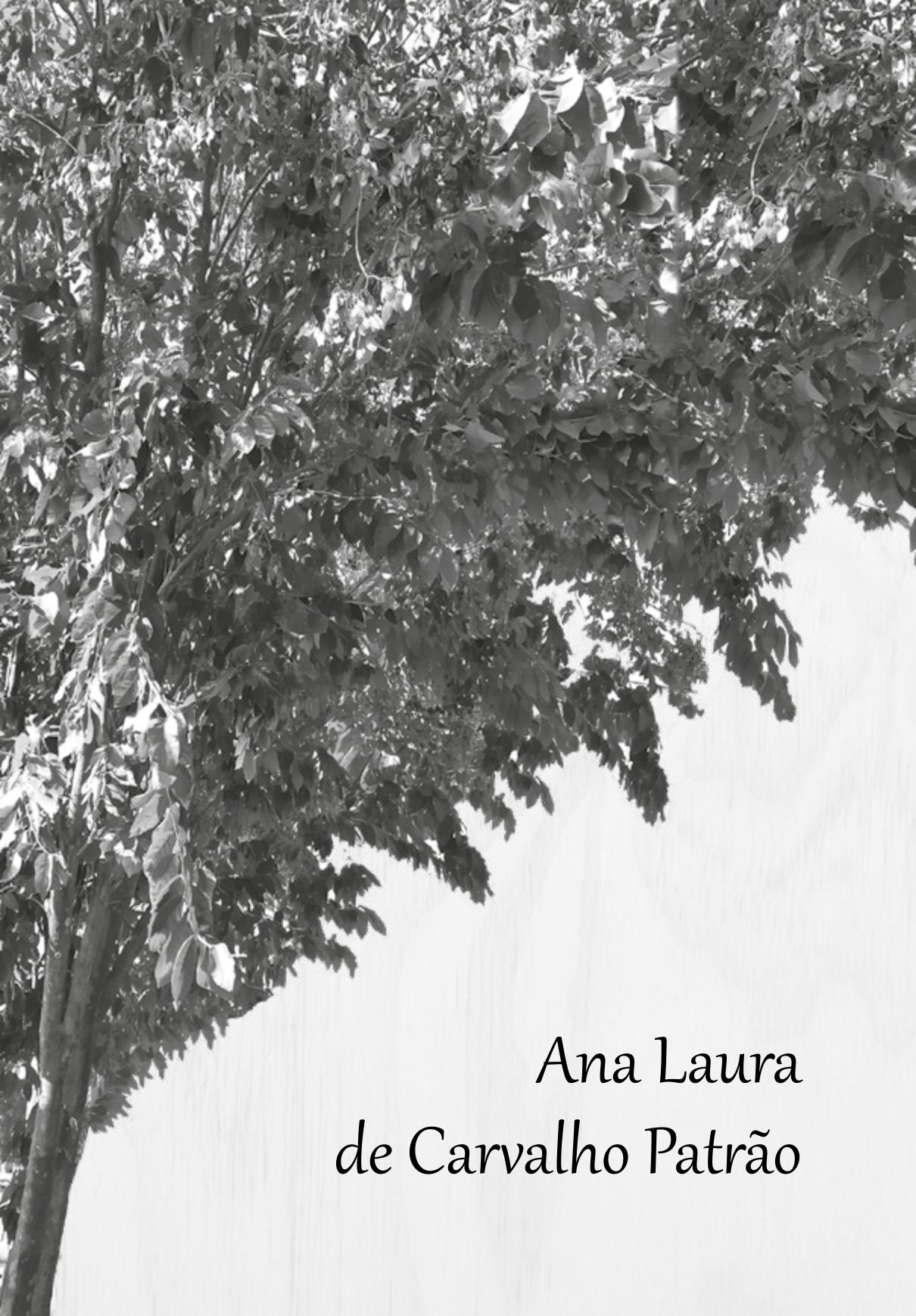
Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes



# Sumário

Ana Laura de Carvalho Patrão .....	13
Aparecido Bi de Oliveira .....	17
Benedito Aparecido Corrêa.....	25
Carlos Miceli .....	31
Carlos Tiokal.....	37
Cida Reis .....	43
Darcio Calligaris .....	49
Diacuí Pagotti .....	57
Donizete Saraiva Deolindo .....	65
Eleide Reges .....	73
Erick Rolf .....	81
Fatima Lisboa.....	89
Gerson Domingos de Oliveira .....	95
Gil Leonardi .....	105

Giovanni Cunha.....	111
Hercílio Soares .....	115
João Batista.....	119
Júlia Fernandes Heimann .....	127
Larissa Scomparim.....	135
Lourival de Barros Santos.....	143
Marlei Camanhes de Oliveira .....	149
Neusa Rossi Cevalhos.....	153
Odete Moscospki .....	157
Onides Mazzo Soares .....	161
Robson Persan .....	165
Samuel Moscospki.....	171
Sandra Regina Rossi .....	177
Sonia Baldo .....	183
Ubirajara de Souza Tavares.....	191



Ana Laura  
de Carvalho Patrão

Ana Laura  
de Carvalho Patrão



Natural de São João da Boa Vista-SP.

Mora em Louveira desde 1970. Professora aposentada lecionou na EEPSG "Prof. Joaquim Antônio Ladeira" durante vinte e um anos. Escritora e poeta, em Louveira no ano de 2014 participou da Antologia "Passagem para um Sonho".

Cadeira nº 09.  
Academia Louveirense de Letras e Artes - ALLA.  
Patrono Ariano Suassuna.

“A tarefa de viver é dura, mas fascinante”.

Ariano Suassuna



# "For All"

Falando pra todo mundo  
Aqui chegaram falando "for all"  
Agora toda gente dança  
Uma dança chamada forró

Dança e canta essa dança,  
De norte a sul do Brasil  
É dança de brasileiro  
É dança bem varonil

Toda gente canta e dança  
Dança tão deliciosa  
Moça nova e moça velha,  
Tudo fica cor-de-rosa

Essa dança bem gostosa  
Dança-se agarradinho  
Mas o "cabra" pra "chegá" na moça  
Só chega bem de mansinho



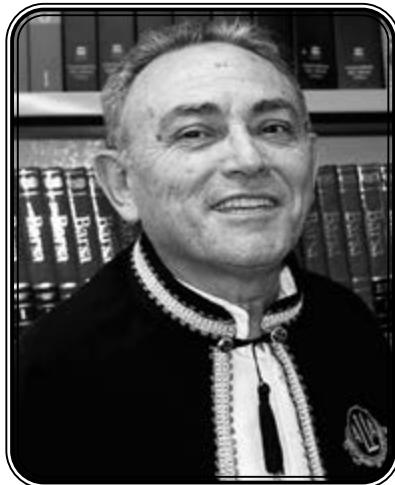
# Sensações

Há algum tempo  
Nem sei por quê  
Venho exercitando  
A experiência do desapego  
Menos coisas pra levar  
Me preocupa cuidar,  
Apenas,  
Silenciosamente,  
Observar.  
Sentir o vento  
O canto dos pássaros  
Os mil e um verdes da natureza  
Sentir.  
Apenas sentir.  
Guardar as sensações  
Impressas em meu espírito.  
Transpirar amor.  
Transcender.



Aparecido  
Bi de Oliveira

# Aparecido Bi de Oliveira



Natural de Indaiatuba-SP. É escritor e poeta com participação nos livros "O Galo de Rocinha"; "Eu amo Vinhedo"; "Antologia poética - Mogi das Cruzes 450 anos"; "Desperte o poeta que existe em você" - Jundiaí; "Antologia do Clube de Escritores de Vinhedo" e no Projeto "Mil Poesias para Gonçalves Dias" no estado do Maranhão, recebendo uma comenda.

Membro da Academia Metropolitana de Letras, Artes e Ciências - AMLAC - Vinhedo.

Cadeira nº 35.  
Academia Louveirense de Letras e Artes - ALLA.  
Patrono Edilson Camargo Caldeira.

Edilson Camargo Caldeira,  
foi Secretário da Cultura de Louveira  
de 24 de Março até 17 de Dezembro de 2014.



# *Eu, minhas poesias e a ALLA*

No ano de dois mil e quinze, recebi duma amiga poetisa um convite especial de participar em Louveira de futura academia. Apressei e agilizei-me para fazer parte desta realidade, enviando o que solicitavam para ingressar nesta comunidade.

Aprovaram meu currículo, sendo recebido com cordialidade, sou membro efetivo e fundador desta sociedade artística e literária. Convivo com poetas e escritores iniciantes e também baluartes, que fazem parte desta Academia Louveirense de Letras e Artes.

Observei que o lema da academia é a simplicidade, ninguém é maior que o outro, somos todos iguais.

No pensar, no agir, no falar, toda opinião tem sua valia, quer seja um simples membro ou integrante da diretoria.

Rapidamente seis anos se passaram, já estamos na sétima cole-tânea, nem dois anos da terrível pandemia não nos atrapalharam. Seguimos em frente mesmo a distância e on-line comunican-do, ao invés de abraços e beijos, ficamos em sintonia orando.



# Cenário dantesco pandêmico

Atado neste cenário dantesco,  
evidenciado no panorama pandêmico,  
fico a refletir, meditar e até interrogar,  
com perguntas e dúvidas que não querem calar.

Quantos parentes, amigos, colegas e conhecidos,  
cujas vidas foram ininterruptamente ceifadas.  
Deixando por terra sonhos inacabados,  
na esperança que um dia seriam realizados.

Será que a sua hora terrena havia chegado ao fim,  
ou se o vírus terrível inevitável enfim as tirou?  
Isto, porém a dúvida que sobrou e me testou,  
com indagação que a vã filosofia me constatou.

Elas foram embora num curto espaço de tempo  
somente a nostálgica saudade ficou.  
Mas, as minhas incertezas em questão,  
eu as vi com complexidade de decisão.

Porém, deduzi que o Criador do Céu e Terra,  
com sua magnitude, conhecedor de todas as coisas,  
é capacitado de responder com eficaz supremacia,  
sobre as mortes desta apavorante pandemia.



# O que eu preciso para ser feliz

Preciso amar a Deus,  
sobre todas as coisas sim.  
E ao próximo como a mim mesmo,  
é isto que o Senhor me diz.

Preciso de muita saúde sim,  
para trabalhar até o meu fim.  
A minha aposentadoria é pequena,  
isto é o que eu nunca quis.

Preciso de um bom cachorro,  
de pouco latir,  
para olhar a minha casa  
quando eu sair.

E no cantinho da casa,  
uma gata e os seus gatinhos,  
sempre brincando e miando,  
bem tranquilo e devagarzinho.

De vez em quando,  
uma boa pescaria pra ir.  
E pegar peixes grandes,  
assim não preciso mentir.

Que o time do meu coração,  
de vez em quando ser campeão.  
Para não ter que aguentar,  
dos amigos uma gozação.

Quero que a minha mesa seja abundante,  
tal qual de toda a humanidade.  
Que haja no mundo paz, harmonia e amor,  
entre nós seres humanos, alegria e calor.

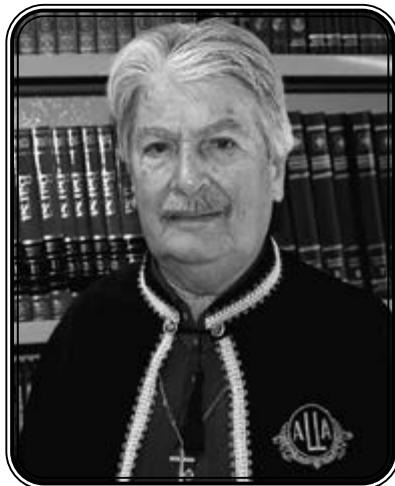
São estes simples desejos,  
aparentemente ao alcance de todos.  
Na profundezas do coração me altriz,  
é o que eu preciso para ser feliz.





Benedito  
Aparecido Corrêa

# Benedito Aparecido Corrêa



Natural de Cabreúva-SP. Reside em Louveira desde 1958.

Poeta participou de outras coletâneas. Colunista no jornal "Folha Notícias" - Louveira/Vinhedo.

Foi radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiaí.

Cadeira nº 20.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono José Fortuna.

*“Aqui estou meus velhos companheiros, olhem pra cima  
pra me ver passando em meu cavalo, raio de luar”...*

José Fortuna



# Caipira feliz

Eu fiz um ranchinho  
Pra mim e a mulher  
Só de pau a pique  
Para manter de pé

Amarrei com cipó  
E cobri com sapé  
Deitado na esteira  
Faço meu cafuné

Eu moro no mato  
Ninguém me amola  
Quando estou tristonho  
Meu bem me consola

Nas tardezinhas quentes  
Eu fico pra fora  
Fazendo versinhos  
Ponteando a viola

Sou muito feliz  
Na vidinha pacata  
Sou caipira raiz  
Matuto de raça

Fome eu não passo  
Alimento é de graça  
Eu planto de tudo  
Não preciso de nada



# Fatos da vida

Eu fico horas e horas  
No banco da área sentado  
Pensando comigo mesmo  
Fazendo versos rimados

Escrevendo fatos da vida  
Que surgem no pensamento  
Palavras de inspiração  
Que nascem do sentimento

Os casos dos anos vividos  
Os momentos de emoções  
Saudades dos bons tempos  
Lembranças e recordações

Coisas boas que se foram  
Que hoje em dia jamais  
Somente da memória  
Não saem nunca mais

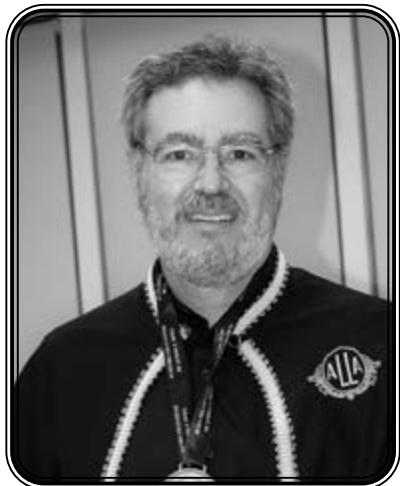
Assim eu levo a vida  
Usando a minha mente  
Do lado de fora de casa  
Na sombra tranquilamente

Relembrando o passado  
Vivendo o meu presente  
Com esperança no futuro  
E fé no pai onipotente.



Carlos Miceli

## Carlos Miceli



Natural da capital de São Paulo. Desde 2010 reside e tem seu estúdio em Louveira. É compositor e artista plástico. Economista com Pós-Graduação em Administração de Recursos Humanos pela FAAP e diversos cursos livres, entre eles o de História da Arte no MAM-SP. Participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Participou da II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017 em Portugal. Foi membro de júri de Salões de Artes Plásticas. Participou com seus poemas de outras coletâneas. Produziu dois discos com suas composições.

Cadeira nº 33.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Antônio Carlos Jobim.

*“Quando uma árvore é cortada ela renasce em outro lugar.  
Quando eu morrer quero ir para esse lugar, onde as  
árvore vivem em paz”.*

Tom Jobim



## *Tempos difíceis e de grandes mudanças*

E de repente a humanidade se viu ameaçada  
Por um invisível vírus que se espalhou  
Causando pânico, perdas de vidas e economia devastada  
A relação social com distanciamento em muito desagregou

Toda crise nos deixa ensinamentos  
São avaliados os ganhos e as perdas  
Mas para isso temos que estar atentos  
Evitando que as estruturas emocionais sejam abaladas

Muitos aproveitam para rever suas condutas  
Refletindo sobre o que realmente é importante  
Gerando movimento para grandes mudanças  
O que antes era comportamento e atitude relutante

Valorizar os relacionamentos de amizade e de parentesco  
Bem como andar livremente sentindo o sol e o vento  
Poder escolher viajar para um lugar pitoresco  
Ir ao restaurante, cinema, teatro e grande evento

Agora temos a percepção que as pequenas coisas da vida  
A que nem dávamos tanta importância e discernimento  
Fazem-nos tanta falta como necessidade perdida  
Aflorando sentimentos de culpa e arrependimento

Nos mostra que devemos ter empatia e boa convivência  
Ajudando ao próximo com solidariedade e muito amor  
Convertendo atitudes e transformando a nossa essência  
Tornando nossa existência e o mundo melhor



# O importante é ser feliz

A vida mostra pra gente  
O lado bom e o ruim...  
E escolher o caminho  
Não é tão simples assim...  
Se o bom da vida é viver  
Ruim é não perceber  
Que o amor é um sentimento  
Pra dar e se receber...  
E em cada busca e procura  
Daquilo que sempre quis  
Deve-se ter a certeza  
Que o importante é ser feliz... ser feliz...  
O importante é ser feliz.

Poema musicado pelo autor.  
Faz parte do seu 1º disco – “Samba e Bossa de Carlos Miceli”



# Degelo no vale



AST - 1,00 x 1,00 - Obra de autoria de Carlos Miceli premiada com a Grande Medalha de Ouro no Salao de Arceburgo-MG



Carlos Tiokal

## Carlos Tiokal



Natural de Cristina-MG. Foi criado em Campinas-SP e desde 2007 reside em Louveira. Bancário aposentado e pedagogo. Escritor participou de varias coletâneas em Louveira-SP.

Das coletâneas "Nossos Amigos Animais" (Editora In House) e "Antologia de Verão" (Perfil Editorial).

Realiza pesquisas sobre a música popular brasileira.

Cadeira nº 30.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Noel Rosa.

*“Estou cego de saudade pelos olhos seus”.*

Noel Rosa



# A volta

E você voltou...  
Timidamente, tentando recuperar seu espaço.  
Loquaz, se atropelando nas palavras.  
Voltou contando vantagens,  
Com a sua velha mania de me iludir.  
Jogando indiretas e dizendo que sentiu saudades,  
Falando com o olhar e com o corpo,  
E eu fingindo que tudo estava bem.  
Quando te miro com meu olhar penetrante,  
Você desvia o olhar, faz um muxoxo, sorri e diz que vai mudar.  
Te faz bem achar que me engana  
Me faz bem acreditar em você.



# Eu já nem sei

Eu já nem sei se te uso, ou se te amo.

Se te uso nas minhas carências, te amo na minha solidão.

Se te uso no meu corpo, te amo na minha alma.

Se te uso em minhas noites, te amo em minha alcova.

Se te uso ao vivo, te amo em imagens.

Se te uso na tua presença, te amo na tua ausência.

Te amo quando andas pelas ruas

mas te quero dentro de casa.

Te amo quando ostentas, mas te quero pueril

Te uso tanto,

Te quero tanto,

Me entrego tanto,

Mas te amo calado.



# Reencontro

O telefone tocou bem cedo. Do outro lado da linha a mesma voz, agora mais madura, se identificou. Nem precisaria, pois reconheci de imediato. Causou-me arrepio ao aceitar uma visita rápida, afinal me encontraria com uma paixão antiga, daquelas que me fizeram sofrer muito. Tentei imaginar como seria o encontro, como estaria pessoalmente, como me comportaria diante de alguém tão importante no passado.

Passei a manhã toda tentando adivinhar qual seria minha reação pensando como tudo voltaria nas nossas lembranças. De um relacionamento conturbado, cheio de ciúmes e brigas, de encontros e desencontros, de momentos felizes, de amizade sincera, de um amor paternal, de um amor possessivo. Quanto sofrimento com sua imaturidade, com as suas traições, ou talvez nem tocar-mos-ia nesses assuntos e relembraríamos somente os momentos felizes, que, por sinal, também foram muitos.

As horas estavam passando rapidamente, uma ansiedade ameaçava tomar conta de mim. Precisava relaxar e demonstrar que aquele momento não me abalaria. Chega mensagem pedindo minha posição, dou o endereço e meu coração já começa a disparar, fico irrequieto, ando pra lá e pra cá, passo as mãos no cabelo, respiro fundo, precisava demonstrar que sua presença não me faria ficar agitado. Abro a porta, acompanho seus passos em minha direção, meu coração quer sair pela boca. Sorrio, tento parecer normal, pergunto coisas

desconexas, peço para se sentar e ofereço uma água ou um café e diante de suas negativas me sento também.

Agora já mais calmo encosto-me à poltrona, fito seus olhos, faço perguntas do passado, relembro pessoas que nos foram comuns na época. Estranhamos como nossos destinos se cruzaram, parecia que eu passaria a vida inteira ao seu lado e hoje ao meu lado senti que nada é para sempre e que tomei a decisão certa.

Se consegui tirar você do coração... Sim.

Se consegui tirar você da minha cabeça... Aí eu já não sei.



Cida Reis

## Cida Reis



Natural de Valinhos-SP. Formada em Comunicação Social.

Trabalhou na área administrativa e por vários anos atua no serviço público.

Escritora, tendo participado de outras coletâneas.

Cadeira nº 28.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Carlos Drummond de Andrade.

*“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça a quase totalidade não sente esta sede”.*

*Carlos Drummond de Andrade*



# Encanto

A nobreza do amor está no sorriso estampado de um rosto.  
No olhar carinhoso.  
Na saudade que mora no peito.  
Na beleza do céu.  
No encanto das flores.  
Quando o vento sopra,  
libertando tudo que estava contigo no peito.  
O amor se faz presente!!  
O amor é aquele...  
que sofre e ri ao lado do seu bem querer.  
E se a distância se fizer presente...  
o coração não estará ausente.  
Quando o amor clama sua chama a vida se faz existente.



# A chama não apagou

Esse menino é fogo!

Não, ele é sapeca.

Fogo é sua paixão.

Menino levado de olhar atento e de coraçãozinho nobre sempre teve alegria de viver.

Ele não parava quieto de jeito nenhum.

Quando não tinha nada pra fazer atormentava seus irmãos.

Haja paciência pra limitar esse menino.

Etaaaa paixão que queima!

Acredito por isso e outras coisinhas todos diziam... esse menino é fogo!

Mas ele nem ligava e só queria brincar e ver a silhueta das chamas aquecerem o seu mundinho infantil.

Aventura não faltava!

Longe das vistas dos seus pais, ele pegava algo inflamável e punha fogo em tudo que podia e até no que não podia... creiam, um dia ele colocou fogo na casa da vizinha!

Criança levada.

Tão menino... tão sapeca.

Seus pais na época quase tiveram um colapso nervoso.

As broncas vieram em enxurradas, modo de dizer... quem sabe para tentar apagar o fogo por tantas peraltices.

Contudo seus pais rezavam para que nada mau acontecesse com o seu menino.

Ele foi crescendo e seu fascínio pelo fogo continuou ainda mais forte.

O menino de coração nobre cresceu e hoje já adulto carregou consigo o desejo daquele menino.

Um dia ele iria ajudar as pessoas cujas enfermidades fossem por queimaduras.

O mundo girou e conspirou ao seu favor e seu desejo lhe foi concedido.

Ele é um jovem médico, um cirurgião plástico.

Ele cuida dos que necessitam dos seus cuidados.

E reverteu a chama do fogo em calor humano.

Gratidão, Doutor Flávio Augusto Carvalho Lopes

*(Baseado em fatos reais.)*



# Plenitude

Lá estava ele na sua plenitude.

Depois de tantas lutas e ele ainda continuava pleno.

Lá estava ele a observar e nada mais o abalava.

Sua calma trazia lembranças... doces e outras nem tanto.

Observou mais uma vez as flores ao seu redor e sentiu o ar fresco penetrar nos seus pulmões.

E tudo lhe era permitido.

O relógio continuava a marcar todos os segundos... e ele sentiu o tempo passar.

E soube então que a juventude não mais lhe pertencia.

Seus movimentos eram lentos e nem tudo era como antes.

Seu corpo estava numa outra fase da vida... ele não se lamentou.

Aprendera a amar tão intensamente que a vida lhe bastava.

Calmo e pleno como gotas de orvalho que enfeitam o amanhecer.

Ele se olhou no espelho e observou seu rosto e seus traços e sentiu uma enorme gratidão.

Ele estava pleno pelo milagre da vida.



Darcio Calligaris

## Darcio Calligaris



Natural da capital de São Paulo. Farmacêutico bioquímico formado na USP – Universidade de São Paulo.

Durante 40 anos atuou em indústria farmacêutica, transferindo tecnologia e formando mão de obra. Professor universitário por 20 anos. Ministra palestras e cursos de especialização. Autor do livro: Farmacotécnica “Revestimento de Formas Farmacêuticas”, o segundo nesta área publicado no Brasil.

Cadeira nº 13.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Augusto dos Anjos.

*“Que ninguém doma um coração de poeta”.*

Augusto dos Anjos



# Visitantes de Lírios

Darcio e sua esposa Eunice moram em uma chácara em Louveira, um lindo município do Estado de São Paulo.

Vindos de São Paulo, encontraram lá a paz que sempre procuraram, rodeados de árvores, pássaros, insetos e outros animais que, de vez em quando, lá aparecem para os divertir ao olhá-los ou também para assustá-los.

Todos os dias, depois do jantar, eles ficam na varanda conversando e apreciando o céu, as estrelas e o cenário noturno e silencioso.

Certa noite, uma luz muito forte surgiu no céu se movimentando em círculos e parando próximo à varanda. A luz se apagou e surgiram dois seres com uniformes brilhantes, cabeças triangulares, de cor escura, cerca de 2 metros de altura e braços e pernas desproporcionais ao corpo.

Os seres disseram para o casal não se assustar, pois eram do planeta Lírios, e tinham vindo em uma missão de paz para lhes ensinar a praticar e transmitir para as outras pessoas algumas leis morais que levam à autorrealização, à paz e à felicidade.

Um deles ergueu a mão e apareceu, suspensa no ar, uma tela, parecida com uma de cinema. Pediram, então, para o casal sentar e, na tela, surgiram imagens do planeta Lírios, um local lindo e agradável que tinha tudo do mais belo, moderno e com

alta tecnologia. O casal visitou pela tela vários locais e ficou muito impressionado com as pessoas felizes transmitindo uma atmosfera de paz.

Em seguida começou o treinamento e, na tela, surgiu a palavra “manco”, com seus vários sinônimos, entre eles “sereno”.

Os seres, por fim, iniciaram a explicação:

“Muitas vezes, ser manso é associado a ser bobo, isto é, a aceitar as injustiças, as maldades e a violência sem reagir. Entretanto, a mansidão nos possibilita resistir ao que nos prejudica com sabedoria e firmeza.

Para sermos mansos ou serenos é necessário nos habituarmos a não usar a violência, a cólera e toda expressão descortês para com as outras pessoas e, ao invés disso, agir com delicadeza, cortesia, gentileza, compreensão, sendo caridosos, pacientes e tolerantes.

Vamos ser mansos com os pobres, fracos, doentes, que muitas vezes são tratados com desprezo e sem atenção. Somos indelicados e estúpidos com as pessoas porque não nos colocamos no lugar delas, apressando-nos em julgá-las.

A mansidão consiste em vencer o mal pelo bem. A maioria das pessoas aplica a política do olho por olho, dente por dente. Mas a verdade é que não devemos enfrentar o homem mau, pois violência gera violência. Precisamos mudar nossas atitudes, isto é, sermos mansos, e não nos deixarmos abalar por sentimentos inferiores.

Finalmente, a mansidão nos faz felizes, pois nos fará sentir bem com todas as pessoas e a nossa qualidade de vida melhora em todos os sentidos.

Um exemplo disso é o planeta Lírios, onde a maldade não mais existe, e todos são felizes, já que não existe orgulho, inveja, ódio, e as relações sociais são mais respeitosas”.

Em seguida, os seres mostraram na tela a palavra “pacífico”, enquanto explicavam que os pacificadores são aqueles que transmitem a paz.

“Ser pacificador é praticar a paz, isto é, agir para atingir a paz. Um exemplo: praticar a paz é conhecer o seu oponente e estabelecer um relacionamento para com ele a fim de fazer um acordo em que ambos se beneficiem. A negociação é o melhor caminho para que seu oponente se torne seu amigo.

Habitualmente, não convivemos bem uns com os outros, por vezes nem conosco mesmos. Estamos sempre em conflito, não temos paz porque não temos a paz em nossos corações. Está na hora de praticarmos a paz.

Paz significa ausência de conflito, maldade, vaidade, egoísmo, orgulho, fofocas, discórdias e a soberba, um sentimento de superioridade que algumas pessoas têm em relação às outras.

Vamos perdoar as ofensas, não vamos retribuir o mal com o mal, mas vencer o mal com o bem. O ódio produz mais ódio, guerra produz mais guerra.

Para sermos pacificadores devemos deixar de lado o orgulho e o egoísmo, pois são estes sentimentos inferiores que inspiram toda a discórdia e promovem duelos. Muitas vezes, devido à vaidade, ao egoísmo e ao orgulho, ficamos encolerizados e causamos mal a nós mesmos e às outras pessoas.

Enquanto cada um de nós não se pacificar, os conflitos continuarão a existir, tanto em nossas casas como na sociedade.

Entretanto, se procurarmos nos reformar intimamente, buscando um relacionamento amoroso com as outras pessoas, com certeza teremos paz, felicidade, e irradiaremos uma energia amorosa que irá beneficiar todos que estiverem à nossa volta, aliviando as dores e os sofrimentos das pessoas, deixando-as mais tranquilas e saudáveis.

Devemos nos esforçar para retirar de nós mesmos os hábitos de inveja, ódio, vingança e de duelo, e muitos outros que sabemos que são prejudiciais. Se exercitarmos a arte da paz, seremos pacificadores e trabalhadores para a paz mundial”.

Terminada a maravilhosa explanação, Darcio e Eunice receberam um vaso de rosas, do qual até hoje cuidam com muito carinho.

Antes de os seres se despedirem, Darcio perguntou seus nomes. Eles responderam: “JE e SUS”. Ambos foram para a nave e partiram.

O recado foi dado: nós devemos procurar nos tornar mansos e pacíficos para transformar a Terra em um planeta de paz e felicidade.



# Haikai

1

Hoje acordei feliz  
Fiz o café e um lanche  
E pensei no amor

2

Amar é bom, é sentir paixão  
Que nos enche de emoção  
E faz feliz o nosso coração

3

Amar é dar um sorriso  
Fazer um gesto de carinho  
Falar uma palavra de afeto

4

Amar é compaixão  
Que alivia as dores do medo e da depressão  
Amar é tudo que faz bem ao nosso coração.

5

Agora me inspirei, as ideias vão surgindo  
Vou riscando folhas em branco  
Com meus versos intuídos.

6      Deixa de tristeza  
A vida é uma beleza  
Ainda dá tempo de amar.

7      A vida não é uma ilusão  
Ela deve ser vivida  
Por aqueles que têm paixão.

8      Sem fazer nada,  
Sentado na calçada  
Olhava, olhava, olhava.

9      Acordei feliz,  
Mais um dia começando  
Era disso que estava precisando.

10     Não devemos perder  
A alegria que nos proporcionam  
A luz do sol, os pássaros, as flores e nossos amores.



Diacuí Pagotti

## Diacuí Pagotti



Adélia Diacuí Cruyer Fountonatt Pagotti, atual presidente da ALLA, é natural de Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo. Filha de pais circenses, está radicada em Louveira desde 1972. Participou de outras coletâneas, incluindo Escritores Brasileiros, lançada em Lisboa, Portugal, em 2016. Membro-Fundadora da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Cadeira nº 16.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Humberto de Campos.

“A natureza é sábia e justa.  
O vento sacode as árvores, move os galhos, para que  
todas as folhas tenham o seu momento de ver o sol”.

Humberto de Campos



# O atirador de facas

Estava passeando pelas ruas da cidade. Sem nada a fazer, envolta em meus pensamentos, parei em frente à vitrine de uma cutelaria. De repente, alguém bateu levemente em meus ombros. Voltei-me perplexa, pois não conseguia imaginar há quanto tempo estava ali.

- Letícia? - disse.

- Sim, amiga, sou eu. Estava passando e vi você aí, tão absor- ta, olhando para essas facas, então resolvi trazê-la à realida- de, pois tenho certeza de que estava sonhando... Posso saber com quê?

Sorri satisfeita. Naquele momento, tudo o que eu queria era desabafar e o "posso saber com quê?" veio a calhar.

- Claro que pode. Tem tempo?

- Todo o tempo do mundo, minha querida, vamos procurar um local para nos acomodarmos.

Fomos caminhando até um café e lá, sentadas numa mesa muito pequenina, pedimos dois *cappuccinos*.

- Me conta que estou curiosíssima - disse Letícia.

- Nada demais - respondi. Em verdade, saí para me distrair, então comecei a observar as pessoas comprando os mais di- versos tipos de presentes para seus pais, já que o dia deles está chegando: camisas, celulares, *notebooks*, televisores, cadeiras, cachimbos e outras coisas interessantes. Quando

passei em frente a essa cutelaria fui, como num passe de mágica, transportada a um passado muito distante, mas que parecia tão real...

- E o que as facas têm a ver com esse passe de mágica?

Percebi que minha amiga estava por demais curiosa.

- Sei que me conhece há muito tempo, mas pouco sabe sobre mim; então, amiga, preste atenção. Meu pai tinha um circo e, dentre outras coisas, era o atirador de facas. A lembrança vem dos meus seis anos de idade, um pouco mais, um pouco menos. Achava fantástico papai atirar aquelas facas com tanta precisão e tão próximas ao corpo de mamãe. Às vezes, quando eles brigavam, ele a ameaçava: "Posso errar na hora de atirar a faca!". Só muito tempo depois fui entender esse diálogo. Bem, um dia mamãe adoeceu e, como o espetáculo não podia parar, meu pai escolheu uma das filhas para substituí-la.

- E ele escolheu você?

- Não, meu bem, ele escolheu minha irmã: três anos mais velha que eu. Tinha nove e era uma menina muito corajosa. Fiquei com uma pontinha de ciúme! Mamãe toda apavorada implorava para que meu pai excluísse o número da programação. Que nada! E lá foi minha irmã! A partir daí tornou-se a estrela da companhia até seus dezessete anos de idade.

- Que história bonita!

- Mas aconteceu que minha irmã arrumou um namorado que não era circense, casou-se e foi morar bem longe. Foi então que passei a ser herdeira do atirador de facas. Estava com catorze anos e percebi que eu não tinha tanta coragem assim... Com muito medo fui pedir para mamãe fazer alguma

coisa, talvez retomar seu lugar. Ela até tentou e tudo o que conseguiu foi um “não”. Como era de se esperar chegou o dia de minha grande estreia. Circo lotado. Era a primeira apresentação. Meu coração parecia sair pela boca, minhas pernas não conseguiam segurar o meu corpo e meu pai tinha tomado umas pinguinhas, para piorar o meu apavoramento. No frontispício ele me alertou: “Quando estiver na tábua, não se mexa, pois eu tenho um alvo e é nele que eu miro, entendeu?”. Respondi que sim. Antes de irmos, me puxou pelo braço e acrescentou: “Jamais faria mal a um filho ou filha, só observe sobre o que lhe instruí”. Encostei-me na tábua e, presa, não conseguia me mexer nem se quisesse. Sentia um misto de medo, emoção, surpresa, alegria, satisfação e algo que agora não consigo definir. Ele se caracterizava todo, com um *body* de uma alça só feito com couro de onça pintada; um cocar lindíssimo de não sei quantas penas, não me pergunte de quê, pois até hoje não sei; uma argola, como os *piercings* de hoje em dia, que atravessava suas narinas; e outros adereços. As facas tinham os cabos forrados com tecidos embebidos em querosene. Na hora de atirar as facas, acendiam-se os cabos, apagavam-se as luzes e então ele tomava uma distância, seis metros, mais ou menos, dava um grito assustador e, ao som do rufar de tambores, ele as arremessava.

Eu, imóvel, como que petrificada, observava a trajetória dasquelas facas que pareciam vir em câmera lenta, girando, girando, quando, de repente, cravavam na tábua, tão próximas ao meu corpo que a impressão era de que haviam me transpassado. Ao término do espetáculo, tudo voltava ao normal e eu olhava para aquele homem de pele cor de bronze, lisa, sem nem um pelo sequer, cabelos de fios grossos e compridos, rosto de traços marcantes e pensava: “Esse é o meu pai. É ele

que está por trás de toda essa parafernália de vestimentas, é ele que atira as facas quando estou quase que colada à grande tábua, é ele que dá aquele grito de guerra ao atirá-las. É ele também que, com espírito brincalhão, tantas vezes prendeu à tábua minha minúscula saia de cetim só para ver minha carinha de susto. Sim, é ele". Sabe, amiga, depois de ter relembrado tudo isso, me veio à cabeça aquele "algo" que lhe disse não saber definir e que sentia enquanto estava amarrada na tábua. Trata-se de uma palavra simples, mas de grande importância: confiança. Sim, eu confiava naquele índio que, acima de tudo, era o meu pai. Um pai que não se importava se existia um Dia dos Pais para ser comemorado.



# Romântica alma

A minha alma  
Incansável procura a tua  
No romântico crepúsculo,  
No mistério da noite escura  
Ou quando brilha a lua.  
Não obstante,  
Procura até  
Nos raios do sol do meio-dia.  
Mas, só consigo te encontrar  
Nas profundezas dos meus sonhos,  
Onde posso sem medo,  
Segurando tuas mãos,  
Olhar-te nos olhos  
E, no silêncio desse encontro,  
Repousar em teu peito,  
Ouvir e beijar teu coração,  
Aconchegar-me num abraço  
Que não toca o meu corpo

Mas toca a minha alma,  
Fazendo-a valsar sem música,  
E, ao som dessa valsa silenciosa,  
Adormecer em paz.



Donizete  
Saraiva Deolindo

Donizete  
Saraiva Deolindo



Natural de Castilho-SP. Reside em Louveira desde 1983. Poeta e compositor com participação em outras coletâneas e com textos publicados em jornais.

Cadeira nº 26.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono José Rico.

*"Nós devemos ser o que somos.  
Ter aquilo que bem merecer".*

José Rico



# *O infame vício do prazer*

Você mudou a linguagem,  
Da mesma forma o rumo.  
Caminhos, por onde agora andas,  
Saíram fora do prumo.  
Segundo constatações,  
Das suas novas paixões,  
Fazem-se péssimo resumo.

Deus nos oferece algo de melhor,  
Para todos consumirem.  
Comida de vários sabores,  
Sucos para ingerirem.  
Perfumes pra todos os gostos,  
Em um mundo cheio de conforto,  
Para os seus filhos usufruírem!

Dentre uma série de dons,  
Até difícil descrever.  
Dotou-nos de inteligência,  
Para com ela, o bem fazer.  
Por ignorarmos o mais sagrado,  
Tornamo-nos viciados,  
Pelo infame vício do prazer.

Existe, porém, um fator,  
Que é preciso considerar.  
Nunca é tarde para ninguém,  
Os seus erros reparar.  
Crer em Deus, e força de vontade,  
Fazer o quadro mudar.  
Todos temos capacidade,  
Reconquiste a felicidade,  
Deus sempre irá nos ajudar



# Quando o bicho ia pegando

A seu eu pudesse te beijar,  
Como em antigamente.  
Com certeza eu seria,  
Um cara mais soridente.  
Até porque na época eu tinha  
A boca cheia de dente.  
Sei que seus pais não aprovavam,  
Aquele namoro tão caliente.  
Mesmo assim você nunca negou,  
Os seus carinhos ardentes.  
Mas... nem no dia que sua mãe me jogou  
Uma chaleira de água ardente.  
A fim de me encontrar com você,  
Eu desafiava serpente.  
Enfrentava temporal,  
Saía nadando na enchente.  
E, até mesmo o bigodudo do seu pai,  
Eu achava atraente.  
Eu caricia de você,

E, você por mim era carente.  
Época boa em que para nós,  
Tudo era envolvente.  
Até mesmo as cachimbadas do velho,  
Sentado naquele batente.  
São momentos inesquecíveis,  
Gravados na minha mente.  
Numa visita que fizemos,  
Na casa de seus parentes  
Que a sua mãe tomou sozinha,  
Um litro de aguardente.  
Eta, povinho danado,  
Zangado e da língua quente.  
Falador da vida alheia,  
Na vida dos outros influentes.  
Porém quando o bicho ia pegando,  
Todos iam se escorregando.  
Todo mundo era inocente.



# Homenagem aos Pais

Tá difícil encontrar palavras.  
Então, substitua pelo amor!  
Ah, mas o meu pai, já está velho,  
Seja mais acolhedor.  
Enquanto há tempo pra isso,  
Respeita, reconheça o seu valor.  
E, se o pai já faleceu,  
Em oração entrego pra – Deus,  
Nosso pai, o nosso salvador!

É feliz quem pode ouvir,  
Meu filho toma cuidado!  
Aquilo lá é sem futuro,  
É melhor deixar de lado.  
O filho reclama, mas o pai fala,  
Pois o pai ama, e não se cala,  
Visando o bem de filho amado.

Entristecido diz para o filho,  
Meu filho venha-se embora.  
Com a voz embargada de dor,  
A volta do filho implora.  
E, se o filho ao pai obedece,  
O pai a Deus agradece,  
E, feliz da vida, comemora.

Ao ver os filhos felizes,  
Ai, o pai fica também.  
Com o seu incondicional amor,  
De quem infinitamente ama alguém.  
Junto dos filhos queridos,  
Diz assim o pai amigo,  
Trilhem o caminho do bem.

Saúdo a todos os pais,  
Incluindo a minha pessoa.  
Que possam viver em paz,  
Desfrutando da vida,  
Numa boa  
E na mais perfeita união.  
Sintonizando num só coração,  
Sem dúvida Deus abençoa!



Eleide Reges

## Eleide Reges



Natural de Assis-SP. Reside em Louveira desde 1971. Graduada em Letras e em Docência do Ensino Superior, com Pós-Graduação em Gestão Escolar. Foi Secretária de Cultura, Esporte e Turismo na Prefeitura de Louveira. Escritora, com obras publicadas em outras coletâneas.

Cadeira nº 27.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Jorge Amado.

“Eu sou muito otimista, muito.  
O Brasil é um país com uma força enorme.  
Nós um continente... com um povo extraordinário”.

Jorge Amado



# Abraços

Um abraço  
Um poder de cura.  
Um precioso acontecimento.  
Querendo dar-te um carinho.  
E agora no meu pranto seguro  
Recordando uma tarde que foi duro.  
Acarinhar e sonhar.  
Ah... Recordo com saudades  
O nosso encontro está distante.  
Na minha poesia, com bondade.  
Oprime-se a garganta só de dizer.  
Que esse encontro pode ser real.  
Mas confesso que a doce mistura.  
É o véu que dá silêncio.  
No remanso das nossas mãos.  
Fizeram-se lenitivo os meus ais

Os atos rompantes e colossais  
E teu abraço aconchegante.  
Repleto e ofegante  
E que o amor irreverente  
Seja inocente  
E essa emoção  
só paixão



# Chuva na primavera

Colhendo uma linda flor  
Vejo o meu amor  
E ele nem me notou  
Entre as pessoas passou.  
Disfarço mas lágrimas aflorou.  
Meus olhos molhados  
Com a chuva da primavera  
Ralam sem disfarçar.  
Quando de súbito  
Sinto-me enlaçada por trás.  
Dizendo é primavera  
Eu a trouxe para você.  
Me viro e ouço seu murmúrio.  
A alegria das flores.  
Se apoderam do espaço.  
E eu perguntei ao vento.  
Traga para mim a infinidade do amor,  
A sabedoria da natureza,  
E o canto dos pássaros.

E assim desabrocha o amor.  
Nos embrulhos verdejantes.  
Refletem em nosso olhar.  
A beleza agraciada  
Da natureza e da esperança.



# Vida com ternura

Ter nos lábios o que pulsa no coração.  
Num simples cumprimento a emoção  
De estar feliz  
Programar a vida com ternura,  
Abrir o coração  
E esbanjar doçura  
Ter momentos de felicidade  
Ter também cumplicidade  
Clareando a estrada da vida.  
Pois não quero estar perdida.  
Naquela saudade que aflora  
E em meu coração mora.  
Tudo tem um começo  
Sou feliz porque te conheço.  
Saudade é um sentimento que corrói.  
Saudade é um amor que dói.  
Não me sinto em um deserto.  
Eu estou bem perto.  
Desta emoção.  
Que virou paixão.





Erick Rolf

## Erick Rolf



Natural de São Paulo – SP, foi criado na primeira infância na Alemanha e reside em Louveira desde 2002. Formado em administração de empresas, atua como especialista no desenvolvimento humano.

Escritor, com temáticas voltadas para reflexão e despertar, acreditando que a escrita e textos poéticos são formas de tocar e influenciar as pessoas e suas almas, no sentido de possibilitar outras situações.

Cadeira nº 04.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Oswald de Andrade.

“Tupi or not tupi, that is the question”.

*Oswald de Andrade*



# Dor em vão

Existe em mim uma dor  
Que sempre achei ser de rejeição  
Medo do frio tomar o calor  
Medo esse que paralisa minha ação

Meu Deus, meu senhor  
Como me submeto à humilhação?!  
Por medo bobo, ou seja o que for  
Me rebaixo, beijo o chão

Apequeno meu Ser  
Posiciono-me feito cão  
Como faço para crescer?  
Como alcanço a superação?

Sei que começa pelo meu querer  
Talvez com choro e oração  
Às vezes não sei o fazer  
Mas sei que não ficarei na mão

Chega de ceder ao horror  
Não é essa minha Criação  
Meu tamanho tem seu Louvor  
E nenhum crescimento é em Vão



# Poema Hermético

Os lábios da Sabedoria estão cerrados  
Exceto para as orelhas da compreensão  
Quantos conhecimentos são compartilhados  
E nós não damos a devida atenção

Sete princípios deixados à humanidade  
Grande luz, foi Hermes Trismegisto  
Espero desenvolver a maturidade  
Para absorver cada registro

Primeiro o TODO é mente  
O Universo é mental  
Quantos de nós sobre isso mentem  
E nosso pensamento nos faz mal?

O Princípio do Mentalismo  
Sua mente também determinará  
O heroísmo ou vitimismo

Segundo, tudo vibra  
Nada está parado  
O objetivo que você mira  
Pela vibração pode ser alcançado

O Princípio da Vibração  
Sua mente determinará  
E você colocará em ação

Terceiro, o que está em cima  
É como o que está embaixo  
Saber disso me anima  
Pois agora sei onde me encaixo

O Princípio da Correspondência  
Desejo que se eleve  
Feito elétron na camada de valência

Quarto, os opostos são iguais  
Mas estão em graus diferentes  
O ruim em bom se faz  
Elevando o grau da própria mente

O Princípio da Polaridade

Até o se sentir jovem ou velho

Não tem a ver com idade

Quinto, tudo tem seu fluxo e refluxo

Como um desdobramento da polaridade

Compreender isso é um luxo

É o ritmo que mantém viva a humanidade

O Princípio do Ritmo

O balançar do pêndulo irá

Para onde mandar seu íntimo

Sexto, todo Efeito tem sua Causa

Toda causa seu efeito

Pelo ritmo não há pausa

Que possa ser vista como defeito

O Princípio da Causalidade

O que determina se viverá só os efeitos

É a sua mentalidade

Sétimo, tudo tem Masculino e Feminino  
E não se trata de sexualidade  
Mas essa Verdade ressoa feito hino  
Em nossa individualidade

O Princípio do Gênero  
Que esse Conhecimento Germine  
E jamais se torne efêmero

Gostar do texto não vai ser funcional  
Releer também não fará mal

O Conhecimento existe para ser usado  
Colocar em prática trará o Resultado

Eis aqui a Chave-Mestra  
Use para o bem, jamais para o mal  
Não deixe o Fogo apagado  
Que sua Luz brilhe de Leste a Oeste  
Até o Final



Fatima Lisboa

## Fatima Lisboa



Natural de Cianorte-PR reside em Louveira desde 2000.

Formada em Letras pela Faculdade Padre Anchieta e Pós-graduação em Gestão Arquivista pela Fundação de Sociologia e Política. Escritora com participação em diversas coletâneas. Funcionária pública na Câmara Municipal de Louveira desde 2004, ocupando várias funções, com destaque na coordenação da Biblioteca "Estudante Willian Bassi".

Cadeira nº 39.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono José de Alencar.

*“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence os obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.*

José de Alencar



# Nossas crianças

Algumas situações que acontecem são fáceis explicar para os adultos entenderem, mas e as crianças? Como explicar o fato de não poderem ir à escola e ter que se isolarem por conta de um vírus invisível?

Desde o início da pandemia, fico pensando como as crianças compreendem o fato de não poderem ir à escola, ir brincar na casa do coleguinha, ir visitar suas avós, correr no parque, passear no shopping. Atualmente, ficamos o tempo todo em casa, os adultos têm que trabalhar, seja fora ou no *home office*, sem tempo e paciência para as crianças, porque para os adultos tudo ficou mais difícil, sem escolas para deixá-las, não podem deixar com as avós, perdendo-se a liberdade de escolha de ir e vir.

Somos uma família de adultos, na qual só tem uma criança de 10 anos, meu neto. Os pais precisam trabalhar fora de casa e ele fica em casa com os avôs e a tia que está trabalhando no *home office*.

A rotina agora é estudar na frieza do *on-line* no período da manhã e o restante do dia ficar na solidão do celular ou do videogame.

No início da pandemia foi muito difícil, todos estavam se adaptando às situações de isolamento social, mas como tudo na vida é feito de surpresas, aconteceu que, após um longo tempo sem ver minha mãe, que já é bisavó, ao visitá-la fui recepcionada pelo meu sobrinho que também é filho único

e estava na casa da vó, para os pais irem trabalhar, pois não tinham onde deixá-lo. Diante de um sorriso lindo e um abraço caloroso daquela criança, imaginei que, se ele estava sozinho e o meu neto também estava, poderia juntá-los e pedi para meu irmão levá-lo para minha casa para ficarem juntos enquanto as aulas não recomeçavam.

O que parecia que iria durar pouco tempo, já vai perdurando dois anos de luta contra um inimigo invisível que se chama CORONAVÍRUS. Então, o que fazer com as crianças que estão em casa ociosas? Ficar gritando, brigar o tempo todo para que fiquem caladas ou falarem baixo, para não fazerem barulho, diminuir o volume do celular e do videogame? Não, escolhi aproveitar esta oportunidade da companhia das crianças para brincar de bola, pular corda, tomar banho de mangueira no quintal, jogar dominó, ir no fim de tarde caminhar no gramado, plantar uma árvore e às vezes fazer piquenique debaixo da sombra de uma árvore incrível que encontramos, pois acredito que a gente escolhe como viver em certas situações, e eu escolhi me divertir com o meu neto e meu sobrinho.

Quais lições que teremos após o fim da pandemia? Para nós, os adultos, será o agradecimento de ter sobrevivido a um vírus cruel, e para as crianças? Acredito que somente no futuro elas entenderão que também sobreviveram, mas não ao vírus e sim à falta de paciência, às agressões, aos gritos, às reclamações e à intolerância dos adultos que, a princípio, compreendem facilmente as situações difíceis.



# Recomeçar

Desde muito jovem aprendi que  
Devemos trabalhar para viver  
Que todos os dias  
Tinha que levantar cedo  
Ao despertar do relógio  
Para o início de um novo dia de trabalho.

E, de dia em dia  
Os anos se passam e quando se percebe  
O relógio já não desperta mais  
Pois, mesmo sem avisar  
A aposentadoria chega  
Trazendo consigo a pergunta  
O que fazer com os dias vazios?

Não pensei no que faria  
Somente entendia  
Que não pertencia mais  
Ao local onde dediquei  
Muito dos meus dias.

Difícil foi entender que  
Como um amanhecer de um novo dia  
Devemos recomeçar o trabalho  
De preencher os vazios  
Dos dias que irão chegar.



Gerson  
Domingos de Oliveira

## Gerson Domingos de Oliveira



Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 1995 onde desenvolveu e coordenou um projeto exercendo a função de treinador de futebol voluntário para garotos, no bairro Monterrey. Escritor e poeta com participação em outras coletâneas.

Cadeira nº 38.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Gonçalves Dias.

“A vida é luta renhida, que aos fracos abate, e  
aos fortes, só faz exaltar”.

Gonçalves Dias



# Bom-dia, senhor Deus

Ao abrir a janela  
a luz amarela do sol vem entrar.  
O amanhecer a reflete e sorri.

Vejo a natureza florescer e enriquecer.  
Todas as flores se abrindo e se unindo.  
Uma beleza com certeza cada vez mais plena.

Bom-dia, Senhor  
Deus que traz a luz.  
Que traz a bênção para as pessoas.  
Corpo de luz brilhante de cor cintilante.  
Ao meio-dia, silencia com o som.  
Harpa dos anjos toca e canta os mais lindos hinos.  
Sinos acompanham. Senhor Deus ouve a orquestra.  
No céu fazendo festa.

Tudo com que na Terra Ele nos presenteou. Nossas vidas.  
Desde alimento que, com seu talento, criou,

deixou-nos a todos nós ricos.

Águas, cascata, rios, todas as espécies de peixes.

Nós temos muito - chuvas, ventos, sol e frio.

À noite temos luar, parece dia feito de milhões de estrelinhas.

Planetas luminosos à noite, para o descanso.

O dia, para trabalhar e cultivar as plantações.

Ouvir lindos cantos dos passarinhos e seus filhinhos.

Senhor Jesus que ensinou, educou quando esteve aqui na Terra,

Deu a vida para aprendermos muito.

E ensinarmos nossos filhos, de geração a geração.

Obrigado, Deus. Grandioso és tu.

Obrigado, Senhor Jesus.



# *Em busca da felicidade*

O dia amanhece e o sol aparece.  
A flor do dia desabrocha, desejando bom-dia.  
A felicidade passa, em frente ao meu portão.  
Sorrindo, acenando com a mão alegra meu coração.  
Eu sigo, porque sou capaz e vou caminhando.  
Vejo um passarinho que acaricia sua amada.  
Cantam felizes, voando atrás da felicidade.  
Vento assoprando as árvores, balançando.  
Parece que estão dançando, borboleta voando,  
seguindo também - parece uma procissão.  
As mocinhas na janela, dando tchau para ela,  
Nunca vi tanta felicidade, até a natureza ficou mais bela.  
O caminho é longo, vou pensando e caminhando.  
Olho para trás milhares de passarinhos voando, cantando.  
As borboletas formam um colorido genial.  
Depois de muito tempo chegamos num lugar especial.  
Portão grande belíssimo, dois anjos, Miguel e Gabriel.  
Abre portão, a felicidade entra, depois entro eu.  
Os passarinhos alegram, a cantar,

as borboletas se misturam com as cores das flores.  
Começo a andar no jardim, tão imenso.  
Encontro uma florzinha menina pequenina.  
Eu me abajo e faço um carinho em suas pétalas.  
Suas lágrimas rolam em meus lábios, a beijar.  
Começo a chorar de alegria.  
Encontro o Espírito Santo sobre minha cabeça e meu coração.  
Adormeço e acordo em casa, transbordante de alegria e felicidade pois estive no paraíso.  
Em tão pouco tempo.



# Fada madrinha

Sonhar é muito bom.

São sonhos que levam ao paraíso.

Faz a gente voar, viajar no mundo encantado,

trazendo um abrigo nos meus pensamentos.

tirando um tormento de dentro de mim.

Aliviando minha dor como remédio para meu tédio.

A minha alma está doente porque ela não está contente.

Tirando a beleza do meu mundo colorido.

Quando a gente está bem consigo mesma,

O repouso faz voar o espírito num grito de felicidade.

Depois de passear de mãos dadas com as estrelinhas.

Surge um cometa com luzes brilhantes,

Como se fosse um diamante.

Quando estou triste aparece com alegria

uma fadinha do mundo feliz trazendo magia

em forma de constelação de estrelinhas

que clareia meu mundo de escuridão.

Meus pensamentos voltam à vida real.

Com a fada madrinha,  
Seu nome rainha, com sua varinha  
na ponta, uma estrelinha...  
Magia que traz felicidade...  
Isto é uma realidade!



# Livro especial

Este livro de poesias  
me traz alegria.  
Cada página traz recordação.  
Emociona meu coração.

Cada poesia representa uma amizade.  
Meus amigos do passado.  
Quando estou com saudade deles  
pego o livro, abro na página certa.

Começo a ler, retorno ao passado.  
Trago para bem perto de mim  
a época que passamos e vivemos.  
Recordo dos dias e horas felizes.

Quando penso neles começo a chorar.  
Momentos que não voltam mais.

Os pensamentos voam, trazem coisas boas.  
Ficou na lembrança uma esperança.

Espero que um dia possamos nos encontrar.  
Somente restaram saudades e recordações.  
Dos tempos em que vivemos juntos.



Gil Leonardi



## Gil Leonardi

É Psicanalista, Terapeuta Homeopata, Educador e Escritor. Formado pela Universidade de São Paulo em 1986, com ampla atuação em sua área. Autor dos livros "Os Novos Caminhos das Terapias no Brasil", "Homeopatia e as Doenças da Alma" e "Psicanálise, Um Caminho Para Seu Estudo"; bem como artigos técnicos publicados em revistas especializadas. Com participação constante em coletâneas literárias, com crônicas, contos e poesias, além de publicações em jornais e revistas com temas ligados às artes. Vindo de São Paulo, adotou Louveira como sua cidade em 2008, fazendo dessa experiência o seu porto seguro para através do viés artístico dar voz e forma ao invisível que habita o inconsciente.

Cadeira nº 02.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Machado de Assis.

*“Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”.*

Machado de Assis



# As cinco estações

Citações: artistas do Brasil

## 1 – Primavera

Não sei ainda, mas vou...

Acredito que irei, e vou....

Vou para onde?

Não sei, não há como saber! Mas vou...

Ora cônscio, ora eivado, em latência, eu vou...

Entre choros e risos; entre cambalhotas e birras, resmungando, gargalhando, eu vou...

Crescer é um dom do qual não se escapa.

Já não se é semente, nem se é restrições, nem ainda cansaço de alma e menos ainda boca calada.

A primeira verdade, prima por ser vera, mas para onde conduz?

Há um brilho imenso, calor empolgante e apenas uma rota a seguir:

**VIVER!!!**

## II – Verão

Olha! Cheira! Toca! Ouve! Sabe!

Saber o sabor de ser!

Ser o sabor do saber!

Sabor do saber de ser!

Intensidade intransponível que um dia se galga e então se toca o impalpável peso do sol até a descoberta de que:

- não há tempo que dure;

- não há movimento que pare

e, não se deixa passar....

... um saber;

... um sabor;

... um olhar...

Não há eternidade na intensidade de ser

### III – Outono

Quanto tempo passou até se descobrir que o tempo passa, com furor, ou com empáfia.

Era afeto ou desdém?

E a seda se esvai ou a sede não vem.

Não há sabor, nem calor no viver.

Apenas folhas leves que escorrem seiva abaixo, como lágrimas ocultas em dia chuvoso, em um fim de tarde vermelho.

Lá, o céu como espelho se despede sem ir.

Cá, o corpo cansado que se aproxima, sem vir.

E agora, tempo?

Já plantado?  
Já colhido?  
E agora, tempo?  
O que será de ti?

#### IV – Inverno

Sentada à cadeira do alpendre a espera de sol leve que vem!  
Mas, talvez, tardiamente!  
Velha senhora, velha memória que separa a sala do jardim.  
Lá fora dez graus, não há como ir.  
Lá dentro degraus, não há como subir.  
Velho corpo que espera... e, enquanto espera, incrivelmente, sorri!  
Nos quartos o passado reluz invisível, discreto, insensível, direto; como uma torre de vidro em meio à planície de um deserto.  
De qualquer ponto se vê e o brilho é maior do que ser.  
Sentada à cadeira do alpendre.  
Dez graus, degraus.  
Torre de vidro reluz.  
Ela via e os outros.....  
**VERÃO!**

## V - Depois do inverno

Não há como parar.

Filete de raiz adentrando ao solo; esguio caule sobe até se livrar do peso da terra e brotar novamente.

E eis que depois de queimar de amor, de força e furor...

E eis que depois da consciência de que o tempo passou...

E eis que depois da velha memória que teima em ficar...

A primavera vem novamente e nos refaz.

Onde é o começo?

Onde é o fim?

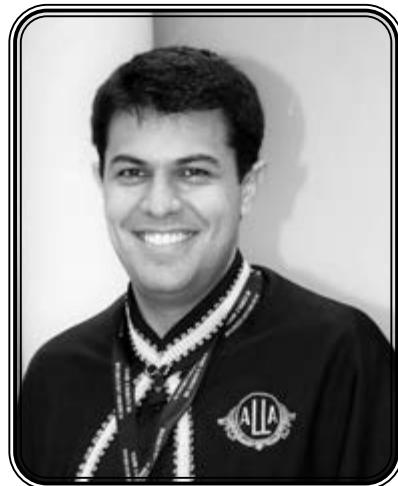
Eu não sei !!!!!!!

Só sei que é assim.....



Giovanni Cunha

## Giovanni Cunha



Giovanni Cunha, nascido no município de Jundiaí-SP em 1992 e residente em Louveira-SP desde o mesmo ano. Ensino Médio e Técnico Escola Técnica Estadual Vasco Antônio Venchiarutti (ETEcVAV Jundiaí). Graduação Odontologia: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Pós-graduação (Mestrado) Ciências Odontológicas – Cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Especialização em implantodontia e prótese sobre implantes – ISEO/Avanti São Carlos-SP. Especialização em Radiologia e Imaginologia Odontológica – FACOP. Pós-graduação (Doutorado) Ciências Odontológicas – Cirurgia e traumatologia bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP. Pós-graduação (Doutorado – CAPESPrint) Impressão e design 3D e manufatura additiva em cirurgia BucoMaxilo-Facial: Universitätsspital Basel – Suíça. Possui experiência em revisão e escrita científica. Atualmente é revisor do periódico internacional Annals of Maxillofacial Surgery. Fluente em Língua Portuguesa (materna) e Inglês, além de possuir conhecimento em Espanhol e Alemão. Escritor sacro que dá nome a escola Teológica de Jundiaí – ETEQS.

Cadeira nº 24.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Elyzeu Queiroz de Souza.

*“A Igreja de hoje é melhor que a de ontem”.*

*Elyzeu Queiroz de Souza*



## *Aos meus pequenos companheiros*

Desde a época que eu era infante,  
lembro-me de ti, pequeno novelo de lã negra saltitante!  
E se não bastasse apenas você. O generoso Criador mais um  
fez nascer  
Gerando entre nós um afeto que por toda a vida insistiu em  
prevalecer

Das memórias que tivemos,  
e o tanto que vivemos  
eu queria relembrar,  
mas... as linhas deste papel insistem em se findar,  
obrigando-me, a contragosto, a parar!

Dos biscoitos após o jantar,  
aos latidos e uivos que vos ouvi entoar  
quanta traquinagem, quanta travessura!  
E eu dava a vocês toda minha cobertura!

Os duelos, com os vizinhos caninos,  
não se restringiam aos períodos vespertinos!  
Penso eu: — Por imponência ou simples vigor?  
O que sei é que jamais demonstrastes qualquer temor!

Sei que vocês não eram perfeitos!  
Direi, então, o único defeito:  
— Vindo a este espaço-tempo,  
por que, tão cedo, exauriu a vossa jornada?  
Aqui foi, apenas, um passatempo?

Ah! Quão triste foi o momento em que teus pequenos corações,  
sem quaisquer reclamações,  
entraram no ritmo de compasso sem ação  
e, fechando os olhos para o repouso eterno,  
deixaram-nos exemplo de amor fraterno!

Meus Pequenos companheiros de um tempo alvissareiro  
fostes, para nós, do amor, inesquecíveis mensageiros!

Dedicatória da nossa família, aos nossos eternos e amados Beethoven  
(28/12/2004 - 17/11/2019) e Pingo (28/12/2004 - 31/12/2020)!



Hercílio Soares

## Hercílio Soares



Nasceu em São Sebastião do Paraíso-MG. Graduado em Administração de Empresas. Casado com Onides Mazzo Soares e pai de dois filhos Cláudia e Wagner. Atua no teatro amador, participando do grupo de teatro do Centro de Convivência do Idoso de Louveira há 6 anos. Neste período participou de apresentação de várias peças teatrais, voltadas principalmente para o público infantil, apresentações essas feitas nas escolas do município. Em outubro de 2012, com a peça "E viveram felizes para sempre! Participou de um Festival de Teatro em Treze Tílias, Santa Catarina, o qual foi premiado como o melhor ator.

Cadeira nº 23.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Paulo Autran.

*"Abençoados é o teatro, uma arte que se  
pode seguir com a idade que for".*

Paulo Autran



## Lembranças...

Hoje é dia 31 de maio de 2021. Último prazo para entrega dos trabalhos a serem publicados na VII Coletânea da Academia Louveirense de Letras e Artes.

Meu amigo João Batista, acadêmico da ALLA, manda-me uma mensagem pelo WhatsApp dizendo: "Hercílio, você ainda não mandou o seu trabalho. Hoje é o último dia".

Resolvi então, de última hora, relatar um fato acontecido comigo, juntamente com meu parceiro de tênis, Pedro Preteroti, uns oito anos atrás.

Eu e o Pedro fomos representar Louveira nos Jogos Estaduais do Idoso (JEI) que estavam sendo realizados em Osvaldo Cruz, interior de São Paulo. Fomos participar na modalidade de tênis, pois na disputa dos Jogos Regionais do Idoso (JORI) ficamos em segundo lugar da nossa região, sendo que naquela época os dois primeiros colocados de cada região se classificavam para os jogos estaduais.

Nossa viagem foi tranquila, tanto na ida quanto na volta, sem nenhum problema. Nossos jogos foram difíceis. Enfrentamos adversários de nível superior ao nosso, e infelizmente não conseguimos ganhar nenhum jogo. Mas valeu a experiência.

O fato marcante dessa viagem, entretanto, nem foi nos jogos disputados, mas sim depois do encerramento, quando eu e

meu parceiro fomos comemorar em um barzinho próximo do nosso alojamento. O local era um bar pequeno, e o proprietário era um senhor de origem japonesa, que tinha chegado há pouco tempo no Brasil. Na verdade ele nem se comunicava muito bem em português. Falamos que éramos de uma cidade longe dali, que tínhamos participado dos jogos dos idosos ali realizados, e que queríamos comemorar. Para isso gostaríamos que ele nos fizesse uma caipirinha caprichada. O japonês ficou meio sem jeito, mas acabou dizendo: "Olha, estou há pouco tempo no Brasil e ainda não sei fazer caipirinha. Me desculpem". Como não havia outro bar por perto, perguntei ao japonês se eu podia fazer a caipirinha, já que ele tinha os ingredientes necessários. Ele concordou, e lá fui eu para o outro lado do balcão fazer a caipirinha. Ficamos mais de hora naquele barzinho, tomando caipirinha, comendo uns salgadinhos e batendo papo.

No final pedimos a conta, e o japonês falou: "A conta deu sete reais". Então eu disse: "Muito bem, então você está me devendo três reais, pois eu cobro dez reais para fazer caipirinha".

O japonês ficou meio assustado com a minha conversa, mas foi na sua gaveta de dinheiro, pegou três reais e me entregou. E ainda me agradeceu, pois ele acompanhou todo o meu procedimento para fazer a caipirinha. "Agora", disse ele, "japonês já sabe fazer caipirinha".

É claro que eu devolvi os três reais para o japonês, paguei a caipirinha, e tudo terminou em alegres gargalhadas.



João Batista

## João Batista



Nascido em Jundiaí/SP.

Pedagogo e colunista no Jornal Folha Notícias. Membro efetivo da ALLA a partir de 2021.

Cadeira nº 22.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patronesse Clarice Lispector.

"O amor já está, está sempre.  
Falta apenas o golpe da graça – que se chama paixão".

Clarice Lispector



# Anos 70

Uma freira numa "feira hippie"  
Quis comprar um zíper  
Ou artesanato  
Ofereceram um gato  
Gato de pelúcia  
Não, não foi audácia  
Nem foi por malícia  
Pois lá na "feira hippie"  
Tem de tudo um pouco  
Mas tão pouco louco!  
Freiras? Lá eu vi pouquíssimas  
Não, não são louquíssimas  
São apenas freiras  
Ela muito andou  
Ela tudo viu  
Se arrepiou!  
Quis logo fugir  
Mas na hora "h"  
Fugir não fugiu

Logo ali voltou  
Formou uma equipe  
E hoje é atração  
Ela se tornou  
Uma freira hippie



# Andares

Eu parei pelo susto,

aquele corpo descia, caía.

Era um corpo, ainda com vida

mais pesado que o ar.

Aquele corpo descia, caía.

Poluído era o ar, e assim como o ar,

em pouco tempo, sem vida seria.

O andaime era íngreme, seguro de si.

E o corpo descia, caía.

O chão nem sentiu, a vida se foi.

Era corpo de gente, que, indigente, seria

O baque no chão, poeira causou,

das dores, de todas, a última seria

O andaime era alto, difícil alcançar

Seguro de si, ficou à espera,

brincando com o chão

Numa aposta já ganha,

que outro corpo viria.



# Razões

Largou a mulher e os filhos  
Traçou novos trilhos  
Pensou uma vez  
Contou até cinco  
Se pensasse bem mais  
E contasse até dez  
Não faria o que fez  
Consequências causou  
Aos que, com ele viveram  
Nublado era o dia  
Em que ele partiu  
Foi um dia fatal  
Aos que, sem ele ficaram  
E hoje ele mora  
Com outra pessoa  
Que é um seu igual  
E o amor clandestino  
Fez-se regra pra ele  
Se tornando comum

Sendo apenas mais um  
No mundo dos bares  
De viciados ares  
Fumaça e fumaça  
De mesas iguais



# Trilhas

A vida que assusta as mães  
Revendo bem suas trilhas  
Não é a mesma que assusta as filhas  
Pensando já em suas trilhas  
As filhas não se assustam,  
Assustando as mães  
Pois para as filhas,  
as trilhas que as mães inventam  
Não sendo tão verdadeiras  
Vão sendo imaginadas  
Como que já traçadas  
Mas nunca foram vividas  
Por isso, a vida que “assusta” as filhas  
É a vida que as mães inventam  
E as filhas assustam as mães  
Ao serem mais corajosas  
E serem menos invejosas  
Do que já ficou pra trás.



Júlia  
Fernandes Heimann

# Júlia Fernandes Heimann



Natural do Rio de Janeiro. É escritora e poetisa. Membro da diretoria da Academia Jundiaiense de Letras; vice-presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; vice-presidente do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávaro; vice-presidente da Câmara Setorial de Literatura. Membro correspondente da Academia Brasileira de Literatura-RJ; da Academia Amparense de Letras e da Academia Petropolitana de Poesias. Autora de onze livros. Participante de mais de cinquenta coletâneas literárias. Ministra aulas de Literatura e Criatividade Literária no CRIJU. Escreve, quinzenalmente, no Jundiaí Agora.

Cadeira nº 15.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Synésio Ascêncio.

“Tarumeiro – tarumã... crescendo para o alto, leva em cada ponta, pontas de amor de cunhã”.

Synésio Ascêncio



# Bom saber sobre sufixos e prefixos

Sem a intenção de ministrar uma aula de Língua Portuguesa, tendo o objetivo de, apenas, mostrar como é interessante conhecer prefixos e sufixos, resolvi escrever este texto.

Escolhi o sufixo *fagia* como tema porque fui assistir a uma palestra e o orador empregou duas vezes o termo antropofagia.

A palestra versava sobre a Semana da Arte Moderna, o orador referiu-se ao manifesto antropofágico do Oswald de Andrade. A plateia aplaudiu e até gostou de ouvir nomes importantes como os de Anita Malfatti, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado, Mário de Andrade e outros de não menos importância. Boa parte da plateia era de jovens que, talvez, tenham saído sem saber, ao certo, se Oswald de Andrade teria se manifestado contra ou a favor.

É justamente nisso que quero focar. Os palestrantes deveriam dar uma pausa e indagar se todos sabem o significado do termo que estão usando; dar uma “pincelada” em algum de uso pouco comum ou que tenha outra conotação, dependendo, claro, do tipo de plateia.

Os jovens que estavam presentes já estudaram, com certeza, o capítulo da nossa História narrando que o 1º Bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardinha, foi devorado pelos índios Caetés/Pernambuco – que praticavam a antropofagia – após o naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda.

Em lance de imaginação, os jovens poderiam ter até pensado

que alguns participantes da Semana da Arte Moderna comeram os outros ou que Oswald incitou-os a isso.

Penso que o palestrante poderia ter explicado a sugestão do manifesto, isto é, que Oswald de Andrade tinha a proposição de que a arte brasileira deveria deglutar a influência estrangeira, incorporando-a. Eliminando o que não interessava mais – na opinião deles – gerando novas ideias e conceitos. Com isso, os estudantes não dariam risadinhas, imaginando, talvez, a ideia que expus acima.

Talvez Oswald de Andrade não tenha sido muito feliz na escolha desse termo, mas era um homem culto e ninguém nunca questionou o uso tão estranho do termo antropofagia naquele momento!

Outro termo muito interessante com esse sufixo é geofagia. Dizem que algumas senhoras, durante a gravidez, são acometidas de geofagia – hábito de comer terra. Já ouvi um caso em que a gestante comia pedaços de tijolos! Incrível, mas deve ser verdade mesmo, porque escutei várias vezes esse comentário. Perguntei a um amigo, que é médico obstetra, e ele confirmou. Haja gosto estranho!

Interessante, também, é ofiofagia! Não pensem que é só um hábito dos pássaros, lagartos ou das muçuranas! Há pessoas ofiófagas, sim! Quando o coronavírus começou a grassar pelo mundo, tendo iniciado na China, houve especulações de que era oriundo da ingestão de serpentes, hábito muito comum naquele país. Eles consideram a carne de cobra um alimento saudável e até medicinal. Lá, o vinho de cobra é bebida popular. Na Índia e também na Indonésia há tribos ofiófagas. Pensam que, para os ocidentais, é um hábito inaceitável? Não é! Há algum tempo, vi propaganda de sofisticados restaurantes

brasileiros cujo prato exótico e caro é o que serve serpentes! É claro que, com a proteção federal às serpentes, essas são criadas em cativeiro! Mas quem quiser experimentar, pode procurar os endereços na internet.

Também muito interessante é a *aerofagia*, que todos nós já tivemos. Consiste na deglutição do ar ao falarmos, comermos, bebermos líquidos com canudos, mascarmos chicletes, fazermos exercícios físicos vigorosos, ingerirmos bebidas carbonatadas, rirmos ou fumarmos. Sem sabermos, deglutimos ar, o que vai se transformar em distensão abdominal/gástrica, provocando eructação, o conhecido arroto. A aerofagia é muito comum no ser humano, sendo expelida, naturalmente, pelos arrotos e gases ou, quando mais severa, com remédios específicos.

Outro termo interessante com *fagia* é *necrofagia*. Os animais como os urubus, hienas e coiotes são, por natureza, necrófagos. Mas vale lembrar que, em 1972, os sobreviventes de um voo da Força Aérea Uruguai permaneceram vivos porque praticaram a necrofagia. A aeronave levava a delegação de um time de rugby uruguai e, devido às más condições climáticas, bateu numa elevação e caiu no meio do nada, na Cordilheira dos Andes. Ficaram perdidos na montanha, sem comida e sem contato por muitos dias, em temperatura de -40°C. Dos 45 passageiros, 16 sobreviveram. Quando já estavam debilitados, sem forças e quase agonizantes, tomaram a decisão mais difícil de suas vidas: comer os corpos dos companheiros falecidos no acidente.

Só assim conseguiram sobreviver. O acidente ocorreu no dia 13 de outubro de 1972 e os dezesseis só foram resgatados no dia 23 de dezembro de 1972, setenta e dois dias depois.

Fernando Parrado, o único que teve coragem de contar como sobreviveram, disse:

– Só estamos vivos porque comemos nossos amigos...

O assunto foi tão contundente que virou o filme “Vivos” e o livro “Milagre nos Andes”, ambos com muito sucesso.

Com o termo *onicofagia* podem surgir situações hilárias, como esta que ilustro com um conto:

Certa mãe levou a filha ao médico. A menina andava nervosa e roía as unhas, chegando a machucar os dedos. A especialidade do médico era clínico geral. Ele a ouviu com atenção, receitou algumas doses de Passiflora Incarnata (Maracugina) e disse que a mãe deveria levá-la a um psicólogo - o profissional mais indicado para esse problema.

A mãe perguntou:

– O senhor vai fazer o encaminhamento?

– Sim, claro, ele respondeu.

No encaminhamento, escreveu:

– Encaminho a menor fulana de tal, com comprometimento emocional e com o hábito de onicofagia.

Em casa, ao ler, a mãe se desesperou e contou, para todos, que a menina tinha um problema muito grave do qual ela nunca ouvira falar.

– Meu Deus! Ela está com onicofagia! Será que vai ser internada para o tratamento?

A situação é acalmada quando a filha mais velha procura o significado no dicionário!

Ela, já calma, desabafa:

– Esses médicos têm cada uma! Por que não escreveu logo que ela rói as unhas?

Com tantos neologismos grassando entre nós, bem que poderia haver o verbofagia, com o mesmo objetivo usado no manifesto antropofágico do Oswald de Andrade!

Sugestão, apenas...





Larissa Scomparim

## Larissa Scomparim



Natural de Campinas-SP, mora em Louveira desde 2017. É Neuropsicopedagoga com pós graduação na arte milenar de contar histórias e Docência do Ensino Superior, possui formação também em Sociologia e Artes Visuais. Atua na educação desde 2006. Possui Projetos aprovados no Proac e reconhecimento através da premiação "Ler um livro para ler o mundo". Fez serviços voluntários levando alegria ao contar histórias em diversos ambientes sociais. É criadora do canal "Infinito Já". Atual Diretora Cultural da ALLA

Cadeira nº 11.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Vinícius de Moraes.

"Que seja infinito enquanto dure".

Vinícius de Moraes



# Marias, minhas mães queridas!

Hoje eu acordei com uma vontade enorme de agradecer, pessoas importantes em minha vida.

Acredito que mãe não é apenas a pessoa que nos gera e que nos dá à luz pra vida.

É além disso, muito mais...

É aquela pessoa que nos ensina a viver.

Que nos dá muita paz e serenidade quando estamos juntas.

Que sua presença me conforta e me dá segurança, aquela segurança que só um colinho de mãe tem.

O Colo de Mãe Nossa Senhora tem.

E quantas Marias me foram oferecidas?

Marias das Graças; Marias de Fátima; Marias Sílvia!

E enfim Ana Marias também.

Só uma fé muito grande que me conforta, para entender e enfrentar quais os propósitos divinos.

E muito amor no coração para desvendar os desafios.

Vai entender?!

A minha mãe de nascimento me passou tantas coisas...

Tantos sentimentos, emoções e desafios que gerou um enorme amor, e de querer tanto protegê-la que talvez me fez inverter os papéis.

Aí busquei em cada mãezinha querida,  
que me foi dada na vida,  
O amor de Nossa Senhora.  
E assim, sigo na fé de proteger meus amores.  
Amo vocês, Marias.

(Homenagem a minha mãe)



# PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ

TEXTO PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES.

DE REPENTE UMA PALAVRA,  
TÃO DISTANTE DA GENTE,  
PASSOU A NOS ASSOMBRAR.

P A N D E M I A!  
NOS QUATRO CANTOS DO PLANETA,  
SÓ SE OUVIA FALAR EM PANDEMIA.  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

DANI É UMA CRIANÇA QUE MORA NO BRASIL,  
MAS PODERIA SER DE QUALQUER OUTRO LUGAR.  
PORQUE TODAS AS CRIANÇAS TIVERAM A MESMA SENSAÇÃO,  
POIS ESSA PALAVRINHA CONTINUAVA A ECOAR.  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

DANI TEM O SORRISO CATIVANTE,  
QUE TODA CRIANÇA DEVERIA TER.  
LEVA CURIOSIDADE NO OLHAR,

QUE TODAS AS CRIANÇAS CARREGAM.  
ESSE MESMO OLHAR DE OBSERVAR,  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

E ASSIM DANI FICAVA A PENSAR,  
EU AQUI A ESCUTAR.  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.  
COMO TODAS AS CRIANÇAS FICARAM,  
SEM MUITO ENTENDER,  
O QUE TUDO QUERIA DIZER.  
COMO UM VÍRUS TÃO PEQUENO,  
FEZ TANTA GENTE NO MUNDO ADOECER?  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

AS COISAS FICARAM DIFERENTES.  
O DANADO FEZ O MUNDO TODO PARAR.  
SEM IR À ESCOLA PARA BRINCAR OU ESTUDAR.  
SÓ FICAR EM CASA É QUE PODERIA NOS SALVAR.  
ERA PRECISO LAVAR AS MÃOS SEM PARAR,  
PEDIAM ATÉ PARA UMA MÚSICA CANTAR,  
TUDO ISSO PARA NOS CUIDAR.

MAS DANI TEVE UMA IDEIA,  
COM SUA SABEDORIA RESOLVEU INOVAR,

JÁ QUE NÃO PODEMOS NOS ABRAÇAR,  
INVENTOU UMA MÚSICA,  
PARA CANTAR DURANTE O ENSABOAR.

PARA LAVAR AS MÃOS É MUITO FÁCIL.  
PRIMEIRO ELAS JUNTAM DANDO UM ABRAÇO.  
DEPOIS ESFREGA O VÃO NO MEIO DA MÃO.  
E PARA TERMINAR ESSA CANÇÃO,  
COM OS DEDINHOS FAÇO UM ESCOVÃO,  
NA PALMA DA MINHA MÃO.  
XI! FAZ COSQUINHA...

E ASSIM DANDO UMA GARGALHADA,  
PASSAVA O TEMPO NECESSÁRIO.  
E BEM LAVADAS AS MÃOS FICAVAM.  
E MESMO COM TANTOS MEDOS,  
INCERTEZAS E DÚVIDAS,  
DANI VOLTOU A LEMBRAR QUE,  
PARA AS CRIANÇAS É MAIS FÁCIL,  
ACHAR MOTIVOS PARA BRINCAR.

MÁSCARAS PASSAMOS A USAR,  
FICAMOS DISTANTES DAS PESSOAS,  
PARA NOS PRESERVAR E MAIS VIDAS SALVAR.  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

E ASSIM DANI APRENDEU NA SAUDADE,  
O VALOR DE NOS CUIDAR.  
OS DIAS SEGUIRAM PASSANDO,  
PANDEMIA PRA CÁ, PANDEMIA PRA LÁ.

COM O SOL, O DIA NASCIA.  
ERA ESPERAR A LUA,  
PARA A NOITE CHEGAR.  
E A ORAÇÃO ERA SÓ UMA,  
DE QUE TUDO IRIA PASSAR.

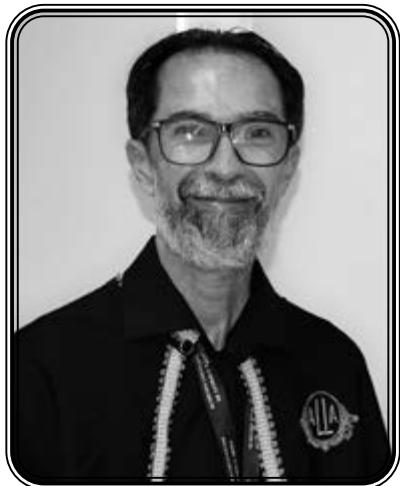
AGORA APRENDEMOS A VIVER,  
UM DIA DE CADA VEZ.  
E A NOS AMAR CADA VEZ MAIS.  
DANI NAS SUAS ORAÇÕES CONTINUA NA TORCIDA,  
DE QUE TUDO VAI PASSAR.

CHEGA DE PANDEMIA PRA CÁ E LÁ.  
E ASSIM UM DIA A PANDEMIA VAI ACABAR.  
E VAMOS VOLTAR A ESTUDAR,  
E A TODOS ABRAÇAR.



Lourival  
de Barros Santos

Lourival  
de Barros Santos



Natural de Recife-PE. Reside em Louveira desde 1987. Trabalha na Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato - Louveira. Participou com seus poemas de várias Coletâneas da ALLA.

Cadeira nº 31.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Rubem Alves.

*"Só veem as belezas do mundo,  
aqueles que têm a beleza dentro de si!"*

Rubem Alves



# Quem és tu?

Quem és tu? Desperta em mim um sentimento antigo

Quem és tu? Desperta em mim uma alegria morta

Quem és tu? Desperta em mim algo parecido

Quem és tu? Desperta em mim gravuras de um coração partido

Quem és tu? Desperta em mim e lascivamente pulsa a minha aorta

Quem és tu? Desperta em mim... mexendo os cabelos em um gesto quase delirante!

Isso me transporta...

Tu, quem és... quem sois tu?

Quem... és... tu?



# Um sábado...

Um sábado qualquer  
um período quase surreal  
pareço perdido no tempo  
Olho o calendário, ainda não é natal  
Não há necessidade de começar  
E não sei por quê, não há hora pra terminar  
tentando preencher buracos,  
são muitas frestas, antigas feridas  
No esqueleto da minha consciência  
guardo um quê de almas perdidas  
vagando na minha taça de vinho  
Ouço risadas,  
volto um pouquinho,  
Mesmo sem entender nada,  
De soslaio acendo um charuto  
Ainda é um sábado... qualquer!



# O amor, às vezes

O amor não é linear,  
por vezes é estranho,  
às vezes inseguro  
muitas vezes tacanho  
outras vezes obscuro  
quantas vezes incestuoso  
raras vezes bom tamanho  
diversas vezes ardiloso  
trocentas vezes imaturo  
às vezes, aborrecimento  
Inúmeras vezes, tempestuoso  
muitas... e que bom, são por vezes acolhimento  
quantas vezes charmoso?  
Por vezes, mas não tão raras.  
O que o amor pode ser às vezes?





Marlei  
Camanhes de Oliveira

# Marlei Camanhes de Oliveira



Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 2006. Iniciou suas aulas de pintura em tela e desenho em 1973. Cursou a Escola Panamericana de Artes.

Ministrou aula de desenho e pintura.

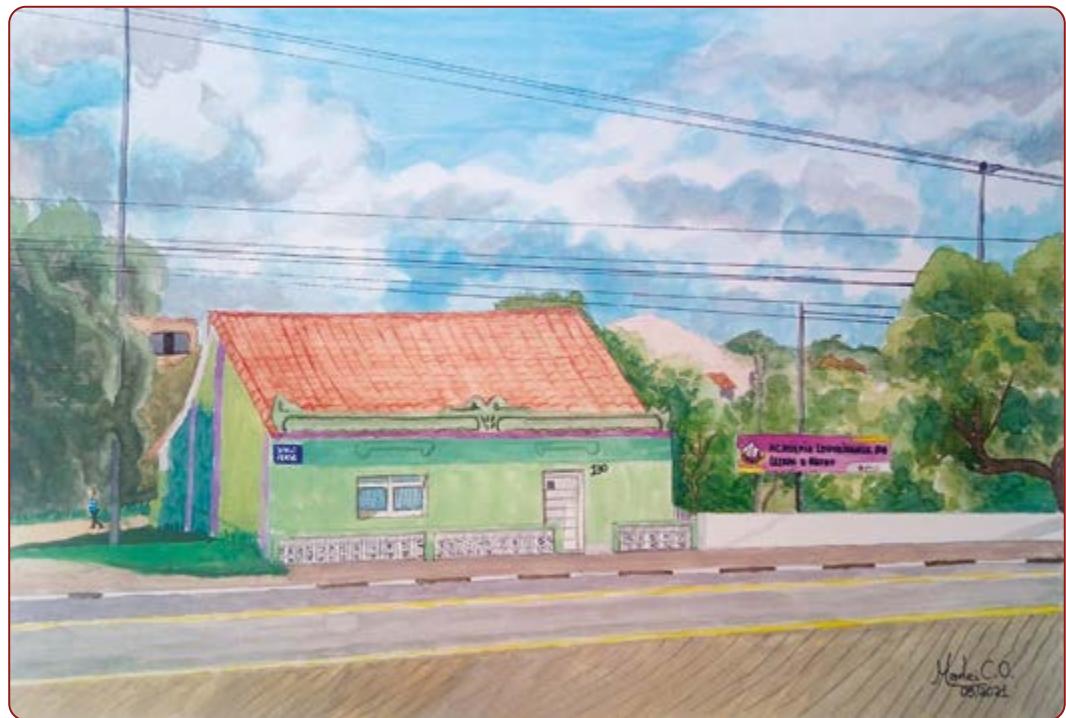
Tem obras premiadas em exposições de artes plásticas.

Cadeira nº 06.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patronesse Hilda Hilst.

“Olha-me de novo.  
Porque esta noite olhei-me a mim, como se tu olhaste”.

Hilda Hilst







Neusa  
Rossi Cevalhos

## Neusa Rossi Cevalhos



Natural de Jundiaí/SP, mudou para Louveira/SP com 23 anos. Aprendeu a arte de fazer crochê observando sua mãe desde muito menina. Atualmente, atua como professora de Artesanato, tendo trabalhado por 18 anos na Prefeitura Municipal de Louveira/SP.

Cadeira nº 12.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Guimarães Rosa.

*“Caminhe sempre confiante e fortaleça essa esperança dentro do seu coração. A sua fé é o seu escudo contra os obstáculos impossíveis. A fé derruba qualquer barreira!”*

Guimarães Rosa







Odete Moscospki

## Odete Moscospki



Natural de Goiatuba - GO. É artesã de bonecos de pano, bordados, patchwork e biscuit.

Reside em Louveira desde 1976.

Cadeira nº 05.

Academia Louveirense de Letras e Artes - ALLA.

Patrono Aleijadinho.

Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), conhecido como Aleijadinho, foi um escultor, entalhador, carpinteiro e arquiteto do Brasil colonial.







Onides  
Mazzo Soares

## Onides Mazzo Soares



Natural de Lutécia-SP. Reside em Louveira desde 2005. Escritora, participou de outras coletâneas. Integra os grupos de dança, coreografia, teatro, coral e vôlei adaptado pelo Centro de Convivência do Idoso de Louveira.

Cadeira nº 14.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patrono Antônio Carlos Gomes.

*“Tão longe, de mim distante, onde irá,  
onde irá teu pensamento”.*

Carlos Gomes



## A cozinha da vovó

Vó faz uns bolinhos de chuva pra nós?  
Eu quero bolinho doce!  
Ah não, salgado é melhor!  
Eu prefiro recheado com banana!  
E lá vai a vovó fazer os bolinhos  
Para agradar seus netinhos.

Hum, sabem do que eu lembrei?  
Do arroz com feijão e bife  
Que só ela sabe fazer  
Gabriela, você lembra do cróstoli?  
Da macarronada da mama?  
Que o Enrico come que se inflama?

Você se lembra da polenta  
Com frango em molho bem suculenta?  
E aquela feijoada  
Muito bem preparada?  
Aquele arroz soltinho, branquinho,  
Que o Enzo come com um ovinho?

Até o vovô, como bom comilão,  
Manda ver no tutu de feijão!  
Com aquele torresmo e um bistecão.  
Como não poderia ser diferente,  
O Wagner não se acanha  
Diante de uma boa picanha.

E aquela dobradinha  
Que a Claudia se diverte sozinha!  
A carne frita bem acebolada  
Que o Gustavo devora, bem apimentada.  
E o agrião na rabada  
Que a Cris come até ficar enjoada.  
E ainda tem a galinhada  
Reunindo a gentarada.

Para completar a fartura,  
O doce de abóbora com canela,  
O pudim caipira, o arroz doce,  
A gelatina bem geladinha  
Com as frutas bem picadinhas.  
Todas essas delícias  
A vovó faz com carinho  
Para comerem bem juntinhos  
A família e os netinhos.



Robson Persan

Robson Persan



Natural de Uruçuca-BA. Reside em Louveira desde 2008.

Estudante de Graduação em Direito, pela Faculdade Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou como diretor na produção de espetáculos amadores. Foi líder do Ministério de Artes da 1º Igreja Batista do Parque São Rafael. Responsável por adaptar alguns textos cênicos, como: Sarando a terra ferida; O Jesus que eu nunca conheci; Parem o mundo, deixe-me descer; entre outras.

Ocupava a cadeira nº 36.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Tinha como patrono João Cabral de Melo Neto.

*In memoriam*



# Os debochados

MENINOS!

Eu vi os debochados.

Eram muitos, não tinha como não os ver.

Homens, mulheres, jovens, crianças...

Era uma horda macabra.

Gritavam palavras de ordem!

E marchavam como zumbis apocalípticos...

Em alguns momentos dançavam,

comemoravam;

uivavam pra lua,

felizmente ela os ignorava.

A lua sabe qual lobo ouvir, e lobos vestidos de cordeiros é um disfarce que ela não tolera.

Os debochados dançavam.

dançavam e comemoravam a morte,

os enterros sem velórios,

as valas comuns,

as mães que enterraram os filhos,

os filhos que enterraram as mães.

Os DEBOCHADOS comemoravam:

A FALTA DE AR.

COMEMORAVAM:

A FALTA DE INSUMOS,

COMEMORAVAM:

A FALTA DE VACINAS.

COMEMORAVAM:

A AUSÊNCIA DA CIÊNCIA.

COMEMORAVAM:

A ESCURIDÃO NA PERMANÊNCIA.

COMEMORAVAM...

Os pais partidos de dor.

E o país indolor, acostumado ao mal repetitivo,

aos números ascendentes

à fome recente.

Os debochados debocham e marcham...

marcham motorizados.

querem chegar logo...

os debochados marcham.

Mas para onde...

Meninos: eu vi.

Vi os debochados.



# Hoje não!

A morte flerta comigo.

Volta e meia, ela volta inteira e me tira pra dançar,

Eu aceito.

Rodopiamos no ar...

Bailamos como se o tempo não fosse parar

Ela me diz coisas amargas e doces ao pé do ouvido

Reclamo que meus pés já estão cansados da dança

Ela insiste.

Me redimo.

Ela beija minha face quente

Com um beijo gélido que só ela tem.

Agora sou eu quem fala ao seu ouvido,

manso,

Como quem pede um tempo a mais...

Me aproximo o máximo que posso.

E lhe digo com a força que me resta:

- Hoje não!

Ela rodopia comigo no ar, como se quisesse  
Finalizar a dança com maestria,  
pois quer que tudo seja perfeito.  
E num passo suntuoso, repetitivo;  
mas que soa como inaugural  
me devolve ao leito.  
Olho em volta, tudo volta a ser como antes.  
ou quase tudo.  
estamos mais íntimos a cada flerte...



Samuel Moscoso

## *Samuel Moscospki*



Natural de Jundiaí-SP. Reside em Louveira desde criança.

Ex-Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA. Escritor e poeta, participou de várias antologias. Teve obras premiadas e publicadas em diversos jornais. Foi um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira. É autor da letra do hino da ALLA. Recebeu moções de congratulações da Câmara Municipal de Louveira.

Cadeira nº 01.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono José Ademir Tasso.

“E só um cisne, morre na solidão das horas”.

José Ademir Tasso



## Saudades de você

Por ondes andas não sei,  
só sei que a saudade te procura  
por todos os cantos de minha vida.  
Te procuro por todas as cidades,  
te espero em todas as tardes,  
mas só te encontro  
dentro das minhas saudades.



# Lembranças de você

O rosto lindo do teu ser  
Me atrai meu pensar...  
Teus cabelos encaracolados  
Teu retrato vivo a olhar.

Da mulher linda e formosa  
Lindas lembranças me traz.  
Teu vestido branco e rosa  
Tua foto, atrás os bambuzais.

Desejo hoje e sempre felicidades,  
Com teu amado peço agora.  
Se amamos um dia em pensamentos,  
Hoje somos apenas uma história.



# Meu rio Capivari

Ah, que saudades do meu querido rio Capivari.  
Que eu nadava e pescava no meu tempo de menino.  
E hoje já não escuto mais o canto desse rio.  
Já não tem mais suas águas cristalinas e seus peixes também sumiram.  
O encanto dos lambaris dourados de rabos avermelhados que feliz eu pegava na peneira.  
A fieira de bagres que se pescava na boca da noite, com minhoca de isca no anzol.  
E nos dias de chuva que turvava suas águas cor de barro, meus irmãos mais velhos armavam os covos nas bocas dos córregos e tirava cheinhos de peixes, onde não tinha coisa melhor e garantia a mistura para a semana inteira.  
E os saguirus de escamas prateadas que brilhavam em suas águas ao bater o sol.  
O cará gigante de cupim na cabeça com sua cor esverdeada que cantava a linha na fisgada do anzol.  
Ah, que saudades das tabaranas que eu e meu velho pai pescávamos.  
Tabaranas de comportamento voraz e de serem facilmente confundidas com o pequeno dourado e também chamado de dourado branco em algumas regiões desse meu Brasil amado.

Hoje vivo com a saudade desses peixes que neste rio não existem mais.

Peço a Deus que eu possa ver um dia esse rio despoluído e matar a saudade dos meus ais.

Onde eu possa nadar e pescar assim como foi no tempo de meus velhos pais.



Sandra  
Regina Rossi

## Sandra Regina Rossi



Paulista de nascimento, Louveirense de coração.

Advogada e escritora. Premiada em 1º lugar no Concurso de Crônicas e Poesias promovido pela Secretaria de Cultura de Louveira em 2004. Sempre apaixonada pela leitura, desde muito jovem. Publicou alguns de seus trabalhos no jornal da cidade de Louveira, além de participar das quatro últimas coletâneas. Hoje faço do lápis e o papel cumplices dos meus sentimentos. Adoro ler e escrever é uma paixão. Ex-presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Cadeira nº 10.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patronesse Cora Coralina.

“Poeta é a sensibilidade acima do vulgar.

Poeta é o operário, artífice da palavra.

E com ela compõe a ourivesaria de um verso”.

Cora Coralina



## *A virtude e o amor*

**S**entada à beira do caminho para descansar avistei

**U**m vulto lá longe caminhando em

**M**inha direção.

**M**irei durante algum tempo aquela miragem, mas achando  
que se tratava de

**U**topia, não dei muita atenção, fechei meus olhos.

**B**aixei a cabeça pois estava

**O**fegante e cansada. Assustada,

**N**um instante me levantei, pois aquela que era

**U**ma miragem distante era a

**M**anifestação do meu desejo, era você.

**P**arei por um instante, sem

**A**creditar na realidade daquele momento.

**C**onsegui entender que de

**I**llusão não se vive e a

**E**sperança acalanta meus sentimentos.

**N**aquele momento eu

**C**onsegui me libertar dos pesadelos.

**I**rritada com esse aprisionamento, e sem palavras,

**A**pontei em direção da estrada, e juntos passamos a cami-  
nhar em direção do horizonte.

**B**em distante do ponto  
**O**nde havíamos partido,  
**N**os viramos e avistamos  
**D**eitados sobre a relva  
**A**luz dourada do sol que  
**D**evagar se escondia no horizonte. A primeira  
**E**strela nascia, e com ela o pedido oculto de cada um de nós.

**G**runhidos de pássaros nas árvores anunciam a chegada da noite,  
**E**sta estrela que era a primeira não era mais a única. Uma  
**N**évoa fresca surgia.  
**E**ntregamo-nos aos mistérios da natureza. A  
**R**elva estava úmida pelo  
**O**rvalho que refrescava o calor que  
**S**ubitamente envolvia nossos corpos. A  
**I**nteração era perfeita.  
**D**ominamos a razão e  
**A**postamos no sentimento, pois o  
**D**esafio estava exatamente no  
**E**spetáculo natural que surgia ao nosso redor.

**H**armonicamente tudo parecia  
**Ú**nico naquele momento.  
**M**irávamos tudo;  
**I**nspirávamos na mais singela  
**L**uminosidade.  
**D**esde o piscar de um pirilampo  
**A**té a magnitude da lua, que  
**D**esempenhava divinamente o seu papel  
**E**strelar.

**I**perceptivelmente toquei seus lábios,  
**N**a certeza de que era aquilo que queríamos naquele momento.  
**O** corre que você me repudiou  
**C**omo se pecado fosse.  
**E**ntristeci, pois o desprezo  
**N**eutralizou aquele sentimento que  
**C**resceu devagar, e se petrificou.  
**I**niciei a chorar e as lágrimas que corriam pelo meu rosto  
**A**cariciavam a dor do inconformismo.

**D**epois daquela noite que tinha tudo para ter sido linda,  
**E**rgueu-se para nos contemplar a  
**L**uz do sol radiante,  
**I**nsistindo em acalantar  
**C**om muita sutileza os nossos sentimentos e  
**A**urora matinal.  
**D**ominamos nossos impulsos e mais uma vez  
**E**squecemos os sentimentos e aflorou a razão. O  
**Z**éfiro que soprava naquela manhã  
**A**limentou mais uma vez a nossa esperança, a de estarmos  
apenas juntos na mesma estrada mais uma vez.

**Obs.: “Summu Bonum = Dom Supremo”.**



Sonia Baldo

Sonia Baldo



Natural de Itupeva/SP, moradora de Louveira desde 1981, funcionária pública há 29 anos, entre Louveira e Vinhedo. Aman- te da música e da poesia, participa da vida cultural de Louveira como escritora desde quando a Academia ainda era uma Asso- ciação e, é membro efetivo da ALLA desde a sua fundação. Suas netas lhe inspiram. Seu lema é amar e ser feliz.

Cadeira nº 25.  
Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.  
Patronesse Cecília Meireles.

*“Tu tens um medo de Acabar. Não vês que acabas  
todo o dia. Que morres no amor. Na tristeza.  
Na dúvida. No desejo. Que te renovas todo dia”.*

Cecília Meireles



# Poeko: nossa reencontro

Foi

Foi encantado nosso reencontro

Brilhou

Brilhou no céu de novo uma estrela

Caminhamos

Caminhamos então sem hora para voltar

Nesta

Nesta estrada pedrinhada com ternura

Misteriosas

Misteriosas curvas que não sabemos aonde vão nos levar

Esperança

Esperança de trilhar de mãos dadas com a paz...

Tanto

Tanto tempo perdido distantes um do outro

Não quero

Não quero mais te perder

Quero

Quero viver este amor

Guardar

Guardar na memória dos apaixonados.



## Sintonia do perdão

Quero que em meus versos  
O amor esteja em sintonia  
Com a paz do grande universo  
Formando poema e poesia.

Que cada momento seja emoção  
Que sejam sonhos encantados  
Que a harmonia seja motivação  
De sentimentos purificados.

E quando a palavra se aquietar  
Que o encanto seja a saudade  
Na sabedoria a compartilhar  
Que o silêncio fale a verdade.

Que em busca da felicidade  
A humildade se renda ao perdão  
Permitir abrir a porta da humildade  
Pra viver sempre em comunhão.



# Semeando poesias

Sobre o sol e o vento  
Me ponho a caminhar  
Pedindo tempo ao tempo  
Para meus sonhos realizar

Vou semendo poesia  
Aproveitando inspiração  
O amor é o meu guia  
E minha alma é emoção

Deixando portas sempre abertas  
Para a luz radiante do luar  
Adentrar por entre as frestas  
Meus pensamentos iluminar

Ao acordar no amanhecer  
Quero colher a alegria  
Deixar o encanto renascer  
Com a doçura da poesia!



## Noite de setembro

Depois daquela noite inesquecível procuro te encontrar em todo lugar onde meus pensamentos podem alcançar.

Nas paisagens dos verdes campos, nos jardins junto às flores a desabrochar.

Te procuro no encanto de um beija-flor a voar, que suspenso no ar penso trazer-me os teus lábios a me beijar!

Te busco nas sombras das árvores ouvindo os pássaros a cantar.

Te busco no sopro do vento que vem suavemente meu rosto acariciar.

Te busco na chuva fina que cai de mansinho misturando-se às lágrimas a rolar.

Te busco nas cores do arco-íris que vem meu coração delinear e colorindo com as sete cores tentando me alegrar.

E assim meus pensamentos vagueiam e vão como um barco ao longe a navegar.

E voltam para a praia da ilusão sem nada a revelar.

E a emoção envolvente aperta a vontade de te abraçar.

E na tentativa de te encontrar só me deparo com a saudade que só me faz daqueles bons momentos eu me lembrar.

Fiquei com a ternura do brilho dos teus olhos, do sorriso meigo a

me enfeitiçar, dos carinhos de suas mãos a me afagar, o tudo que naquela noite me fez me apaixonar!

Esse sentimento guardarei dentro de mim para minh'alma alimentar.

Continuarei a te buscar com a esperança deste sonho realizar. Pois aquela noite de setembro fez de mim este poço de desejo, onde inteira em seus abraços, quero me afagar e para sempre te amar!





Ubirajara  
de Souza Tavares

# *Ubirajara de Souza Tavares*



Natural de Campos-RJ. Reside em Louveira desde 1960.

Médico Pediatra, formado pela Faculdade Fluminense de Medicina. Especializou-se no curso de Médico do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Formou-se em Direito pela Faculdade Padre Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou de outras coletâneas. É autor de dois livros. Vencedor do concurso de contos do Jornal de 2<sup>a</sup> Feira-Jundiaí. É Membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí. Membro Correspondente da Academia Pedralva de Campos. Membro da Academia Jundiaiense de Letras. Recebeu o título de cidadão Jundiaiense.

Cadeira nº 18.

Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA.

Patrono Geraldo Barbosa Tomanik.

“O objetivo dos museus é educar o homem. Por isso não se entende a palavra museu desligada da palavra educação”.

Geraldo Barbosa Tomanik



# Louveira

Tranquila e soberana nos outeiros  
das encostas da serra do jardim,  
chegando a noite, a recender jasmim,  
Louveira sonha os sonhos seus primeiros.

Ao sol há verde em gradações sem fim  
nos campos, matas, vinhas, caquizeiros;  
Porém, colhidos frutos derradeiros,  
um ouro fulvo vem manchar-lhe enfim.

Quando às folhas o vento vai tombando  
o velho chão ferido, não exangue,  
aos morangais vai ofertar seu sangue.

Na doce paz dos vales e quebradas  
há perfume silvestre das floradas  
e gorjeios de pássaros cantando.

# Acadêmicos ALLA



Ana Laura de  
Carvalho Patrão  
Cadeira nº 09  
Patrono  
Ariano Suassuna



Aparecido Bi  
de Oliveira  
Cadeira nº 35  
Patrono  
Edilson Caldeira



Armando José  
Heimann  
Cadeira nº 17  
Patrono  
Monteiro Lobato



Benedito  
Aparecido Corrêa  
Cadeira nº 20  
Patrono  
José Fortuna



Diacuí Pagotti  
Cadeira nº 16  
Patrono  
Humberto de Campos



Donizete Saraiva  
Deolindo  
Cadeira nº 26  
Patrono  
José Rico



Eleide Reges  
Cadeira nº 27  
Patrono  
Jorge Amado



Erick Rolf  
Cadeira nº 04  
Patrono  
Oswald de Andrade



Giovanni Cunha  
Cadeira nº 24  
Patrono  
Elyseu Queiroz  
de Souza



Hercílio Soares  
Cadeira nº 23  
Patrono  
Paulo Autran



João Batista  
Cadeira nº 22  
Patronesse  
Clarice Lispector



Júlia Fernandes  
Heimann  
Cadeira nº 15  
Patrono  
Synésio Ascêncio



Odete Moscoski  
Cadeira nº 05  
Patrono  
O Alejadinho



Onides Mazzo  
Soares  
Cadeira nº 14  
Patrono  
Antônio Carlos Gomes



Robson Persan  
*In memoriam*



Samuel Moscoski  
Cadeira nº 01  
Patrono  
José Ademir Tasso



Carlos Miceli  
Cadeira nº 33  
Patrono  
Antônio Carlos Jobim



Carlos Tiokal  
Cadeira nº 30  
Patrono  
Noel Rosa



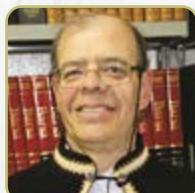
Cida Reis  
Cadeira nº 28  
Patrona  
Carlos Drummond  
de Andrade



Darcio Calligaris  
Cadeira nº 13  
Patrono  
Augusto dos Anjos



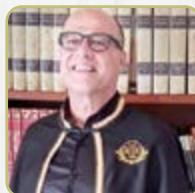
Fátima Lisboa  
Cadeira nº 39  
Patrona  
José de Alencar



George  
Alberto Lemos  
Cadeira nº 37  
Patrono  
Heitor dos Prazeres



Gerson Domingos  
de Oliveira  
Cadeira nº 38  
Patrono  
Gonçalves Dias



Gil Leonardi  
Cadeira nº 02  
Patrono  
Machado de Assis



Larissa  
Scomparim  
Cadeira nº 11  
Patrona  
Vinícius de Moraes



Lourival de  
Barros Santos  
Cadeira nº 31  
Patrono  
Rubem Alves



Marlei Camanhes  
de Oliveira  
Cadeira nº 06  
Patronesse  
Hilda Hilst



Neusa  
Rossi Cevalhos  
Cadeira nº 12  
Patrona  
Guimarães Rosa



Sandra Regina Rossi  
Cadeira nº 10  
Patronesse  
Cora Coralina



Sonia Baldo  
Cadeira nº 25  
Patronesse  
Cecília Meireles



Ubirajara de  
Souza Tavares  
Cadeira nº 18  
Patrono  
Geraldo Barbosa  
Tomanik

# Acadêmicos ALLA

Ana Laura de Carvalho Patrão  
Aparecido Bi de Oliveira  
Benedito Aparecido Corrêa  
Carlos Miceli  
Carlos Tiokal  
Cida Reis  
Darcio Calligaris  
Diacuí Pagotti  
Donizete Saraiva Deolindo  
Eleide Reges  
Erick Rolf  
Fatima Lisboa  
Gerson Domingos de Oliveira  
Gil Leonardi  
Giovanni Cunha  
Hercilio Soares  
João Batista  
Júlia Fernandes Heimann  
Larissa Scomparim  
Lourival de Barros Santos  
Marlei Camanhes de Oliveira  
Neusa Rossi Cevalhos  
Odete Moscospki  
Onides Mazzo Soares  
Robson Persan  
Samuel Moscospki  
Sandra Regina Rossi  
Sonia Baldo  
Ubirajara de Souza Tavares

ISBN 978-65-5601-017-5



9 786556 010175



PERFIL  
EDITORIAL

@perfil\_editorial  
[www.perfileditorial.com.br](http://www.perfileditorial.com.br)



ALLA – Letras e Artes de Louveira  
<https://allalouveirense.blogspot.com/>